



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE BELAS ARTES
COMUNICAÇÃO VISUAL DESIGN

SAMUEL DE ALMEIDA MENDES

LATA CHEIA
A REVISTA DE GRAFFITI PARA CRIANÇAS

RIO DE JANEIRO
2024

SAMUEL DE ALMEIDA MENDES

LATA CHEIA

A REVISTA DE GRAFFITI PARA CRIANÇAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado
à Escola de Belas Artes da Universidade
Federal do Rio de Janeiro, como parte dos
requisitos necessários à obtenção do grau de
Bacharel em Comunicação Visual Design.

RIO DE JANEIRO

2024


SAMUEL DE ALMEIDA MENDES

LATA CHEIA


A REVISTA DE GRAFFITI PARA CRIANÇAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Escola de Belas Artes da Universidade Federal do
Rio de Janeiro, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do grau de Bacharel em
Comunicação Visual Design.


Aprovado em: 13/08/2024

Documento assinado digitalmente
 **JOAO PAULO BRITO DOS SANTOS OVIDIO**
Data: 25/02/2025 11:48:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Me. João Paulo Ovidio
Editor-chefe da Revista Desvio

Documento assinado digitalmente
 **ELIZABETH MOTTA JACOB**
Data: 24/02/2025 20:36:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.a Elizabeth Jacob
CVD/EBA/UFRJ

Documento assinado digitalmente
 **ANDRE DE FREITAS RAMOS**
Data: 25/02/2025 07:03:28-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Andre de Freitas Ramos
CVD/EBA/UFRJ

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, toda Honra, toda Glória e todo Louvor ao único e verdadeiro Deus, que por sua graça e misericórdia me protegeu, me curou e me conduziu até aqui. Eu sou dEle e Ele é meu.

Gratidão pela minha família, meus queridos pais Christiany e Ocimar, que apesar das preocupações e dúvidas, me apoiaram e investiram nos meus sonhos. Sem eles, nada do que tenho e fiz seria possível.

Aos meus grandes amigos Jonathan Melo, Paula Dornelles e Bernardo Ferreira (John, Lles e China), meus queridíssimos amigos e companheiros de trabalho, de rua e de projetos. A equipe ZN de Cor+Ação foi fundamental para meu crescimento e para me inspirar no que estou entregando como projeto de conclusão de curso.

Ao meu querido professor e amigo João Paulo Ovidio, que tive o imenso prazer de conhecer em seu tempo de exercício educacional na UFRJ, um ótimo amigo, um grande professor e orientador desse projeto. Agradeço pela ajuda e participação para a criação desse projeto de Luan Borgo e Fábio EMA e os professores que entrevistei.

E finalizo agradecendo a toda a cultura HIP HOP. A cultura que furou minha “bolha”, que expandiu meus olhos para a realidade à minha volta, me inspirou, muito me ensinou e hoje é parte de mim e de muito do que faço.

Um Viva para a Cultura de Rua, um Viva ao HIP HOP.

RESUMO

MENDES, Samuel de Almeida. **Lata Cheia**: a revista de graffiti para crianças. TCC (Bacharelado em Comunicação Visual Design) - Escola de Belas Artes, Universidade do Rio de Janeiro, 2024.

A arte urbana, principalmente o grafite, está cada vez mais presente no cotidiano dos cariocas e se populariza a cada ano que passa. Porém, o incentivo à busca de sua prática, possibilidades e história permanece bastante limitado, principalmente para crianças e adolescentes, que, mesmo praticando os primeiros desenhos no papel, não têm acesso a informações de qualidade ou mesmo estímulo para ampliar sua prática desta arte. Portanto, o objetivo principal do projeto é criar um material impresso, mais especificamente uma revista, de fácil compreensão, conteúdo informativo e interessante, com atividades de aprimoramento técnico/artístico e, não menos importante, de caráter lúdico. Com isso, esperamos apresentar a cultura do graffiti ao público de 8 a 14 anos por meio da comunicação visual, faixa etária que mais nos interessa. O TCC foi desenvolvido por meio de pesquisas com educadores da área do graffiti, da análise de uma oficina de graffiti realizada com 5 crianças de 10 a 13 anos, da pesquisa sobre a história da cultura Hip Hop centrada no graffiti e sua introdução na realidade a partir de Rio de Janeiro, pesquisa de materiais literários sobre esse universo e animações, fundamentais para a criação das bases visuais e informativas da revista *Lata Cheia*, sendo nosso produto gráfico final. Daí resultou uma revista informativa e interativa para crianças e jovens, que apresenta atividades, artigos, fotos e curiosidades sobre o movimento e cultura de arte urbana, *Lata Cheia*. Uma revista colorida e muito animada que proporciona a entrada no mundo do graffiti, além de preparar e incentivar a criatividade das crianças que podem ou não querer continuar no mundo da arte no futuro.

Keywords: Graffiti; Arte Urbana; Revista; Hip Hop.

ABSTRACT

MENDES, Samuel de Almeida. **Lata Cheia**: a revista de graffiti para crianças. TCC (Bacharelado em Comunicação Visual Design) - Escola de Belas Artes, Universidade do Rio de Janeiro, 2024.

Urban art, especially graffiti, is increasingly present in the daily lives of Rio residents and has become more popular with each passing year. However, the incentive to search for its practice, possibilities and history remains quite limited, especially for children and adolescents, who, even practicing their first drawings on paper, do not have access to quality information or even the stimulus to expand their practice. of this art. Therefore, the main objective of the project is to create printed material, more specifically a magazine, that is easy to understand, informative and interesting content, with technical/artistic improvement activities, and, just as importantly, of a fun nature. With this, we hope to present graffiti culture to an audience aged 8 to 14 through visual communication, the age group of greatest interest to us. The TCC was developed through research with educators in the area of graffiti arts, the analysis of a graffiti workshop carried out with 5 children aged 10 to 13, research into the history of Hip Hop culture centered on graffiti and its introduction into reality from Rio de Janeiro, research into literary materials about this universe and animations, fundamental to creating the visual and informative bases of Lata Cheia magazine, being our final graphic product. This resulted in an informative and interactive magazine for children and young people, which presents activities, articles, photos and curiosities about the urban art movement and culture, Lata Cheia. A colorful and very lively magazine that provides an entry into the world of graffiti, as well as preparing and encouraging the creativity of children who may or may not wish to continue in the world of art in their future.

Keywords: Graffiti; Urban art; Magazine; Hip hop.

Lista de Imagens

Imagem 1 – Graffiti do Pirikitu _____	14
Imagem 2 – Graffiti original do Locutor _____	14
Imagem 3 – Alunos do workshop de graffiti _____	17
Imagem 4 – Painel após primeira aula no workshop _____	17
Imagem 5 – Alunos criando cores de tinta _____	20
Imagem 6 – Alunos usando tinta no painel _____	20
Imagem 7 - Folhas de caligrafia sendo desenhadas _____	21
Imagem 8 - Maquete de caminhão sendo pintada _____	21
Imagem 9 - Aluna Rafaella após grafitar seu apelido _____	23
Imagem 10 - Aluno Kauã treinando com spray _____	23
Imagem 11 - Personagens da “ <i>Turma da Mônica</i> ” _____	32
Imagem 12 - Personagens do “ <i>Irmão do Jorel</i> ” _____	32
Imagem 13 - Personagens do “ <i>Mundo de Greg</i> ” _____	33
Imagem 14 - Exemplos de Edições da <i>Revista Recreio</i> _____	35
Imagem 15 - Capa de uma edição do Almanaque <i>Turma da Mônica</i> _____	37
Imagem 16 - Livro <i>Turma da Mônica - O Grande Livro do Corpo Humano</i> _____	38
Imagem 17 - Revista <i>Rap Brasil</i> _____	40
Imagem 18 - Revista <i>Graffiti</i> _____	40
Imagem 19 - Rascunhos para a logo da Revista <i>Lata Cheia</i> _____	43
Imagem 20 - Logo final da Revista <i>Lata Cheia</i> _____	43
Imagem 21 - Rascunhos dos personagens _____	44

Imagem 22 - Arte Final dos Personagens Anne e Bigui _____	45
Imagem 23 - Capa Revista <i>Lata Cheia</i> 1º edição _____	46
Imagem 24 - Guarda 1 da Revista <i>Lata Cheia</i> 1º edição _____	46
Imagem 25 - Guarda 2 da Revista <i>Lata Cheia</i> 1º edição _____	46
Imagem 26: Contracapa Revista <i>Lata Cheia</i> 1º edição _____	46
Imagem 27: Sumário Revista <i>Lata Cheia</i> 1º edição _____	47
Imagem 28: Páginas 4 e 5, Tirinha e O Hip Hop _____	49
Imagem 29: Páginas 6 e 7, DJ e o MC _____	49
Imagem 30: Páginas 8 e 9, BreakDance e o Graffiti _____	50
Imagem 31: Páginas 10 e 11, Introdução ao Caligraffiti e letras de A a J _____	50
Imagem 32: Páginas 12 e 13, letras de K a T, letras de U a Z e o quadro branco ____	50
Imagem 33: Página 14, Anne e Bigui _____	51
Imagem 34: Página 16 e 17, <i>stickers</i> da revista _____	52
Imagem 35: Página 19 e 20, Início da Galeria de Graffiti _____	53
Imagem 36: Página 21 e 22, Galeria de Graffiti _____	53
Imagem 37: Página 23 última página da Galeria de Graffiti _____	54
Imagem 38: Página 24 e 25, Notícia da Escola de Samba _____	55
Imagem 39: Página 26, página samba enredo _____	55
Imagem 40: Página 27 e 28, Entrevista com Fábio Ema _____	56
Imagem 41: Página 29 e 30, instruções e imagens para lambe-lambe _____	56

Sumário

Resumo	5
Abstrato	6
1 Introdução	11
1.1 Biografia e o Vivências pelo Graffiti	13
1.2 Aprendendo a como ensinar	15
2 Hip Hop - 40 anos de Cultura no Brasil	25
2.1 A Vai-Vai, um desfile e muitas camadas	26
2.2 O Graffiti Carioca e Fábio Emma	27
3 A Revista Lata Cheia	31
3.1 Referências para encher a Lata	32
3.1.1 O Mundo de Greg (Craig o the Creek) e o Estilo de Desenho	32
3.1.2 Revista <i>Recreio</i>	34
3.1.3 <i>Turma da Mônica</i> (Livro Educativo)	37
3.1.4 <i>Revista RAP Brasil</i> e <i>Revista Graffiti</i>	39
3.2 Criando a <i>Lata Cheia</i>	41
3.2.1 Nome	41
3.2.2 Personagens	43
3.2.3 Capa e Contracapa	45
3.2.4 Sumário	46
3.2.5 Os 4 Elementos do Hip Hop	47
3.2.6 Caligrafia	50
3.2.7 Anne e Bigui	51

3.2.8	Stickers	52
3.2.9	Galeria de Graffiti	52
3.2.10	Hip Hop e Carnaval	54
3.2.11	Entrevista com Fábio Ema	55
3.2.12	Lamba-Lambe	56
4	Conclusão e Considerações finais	58
	Referências	61

*“Na pista pela vitória, pelo triunfo
 Conquista se é pela glória, uso meu trunfo
 A rua é nós, é nós, é nós (onde nós brigamos por nós)”*

(EMICIDA)

1. Introdução

Com uma lata de *spray* na mão, eu sabia que poderia pintar muros, porém, com o tempo, descobri que também poderia abrir portas. Não consigo definir com precisão o momento em que descobri o graffiti, provavelmente quando ainda era criança, mas meus primeiros rascunhos surgiram por volta do 6º ano do Ensino Fundamental. As letras retas com sombra e dimensão 3D preencheram meus cadernos mais do que o conteúdo didático das matérias. A minha mente trabalhava para lembrar as formas e traços dos meus desenhos animados preferidos (Laboratório de Dexter, Du Dudu e Edu, Johnny Bravo, Bob Esponja) enquanto ouvia o som das vozes dos professores explicando algo que, naquele momento, não me interessava. Nada escapava dos meus lápis, cadernos, livros, cadeiras, mesas, borrachas, mochilas, portas – onde quer que minha mão e meu lápis alcançassem, minha mente clamava para deixar a minha marca por ali. No entanto, problemas e queixas surgiam, questionando se eu deveria desenhar nas coisas alheias sem consentimento, e a mim, naquele momento, só restava responder com um simples *“Desculpas, mas é mais forte do que eu”*.

No 8º ano, participei de um Concurso de Desenho para criar a Marca das Olimpíadas Intercolegiais do ano de 2010, representando minha unidade (Colégio Santa Mônica de Cachambi) e um desenho para um painel de graffiti que seria produzido no dia da Olimpíada. Fui escolhido em ambos os concursos. Hoje, passado mais de uma década, recordo-me com grande felicidade, pois percebo que, aos 13 anos, competi com pessoas mais velhas, sem possuir qualquer noção sobre as técnicas de Arte e Design que possuo atualmente, fruto de anos de estudos e dedicação a essas áreas do conhecimento. Eu era apenas um garoto que gostava de pintar, não importava o quê, e nem mesmo onde. A minha maior surpresa no dia das Olimpíadas Escolares foi descobrir que não apenas meu desenho foi escolhido para se tornar um painel de graffiti, mas que eu também teria que executar o graffiti, até então uma novidade para mim.

Como alguém que nunca havia segurado uma lata de *spray* na vida, como poderia transferir o desenho do papel para a parede? É uma outra dimensão, são outros materiais. Lembro-me de ter desenhado uma representação mista da África e do Brasil, inspirado nas artes de identidade da Copa do Mundo de Futebol, que ocorreria naquele ano na África do Sul. Era uma homenagem ao futebol e ao apoio que desejava dar à seleção brasileira. No entanto, eu não tinha ideia de como utilizar aquelas latas de *spray* e transferir meu desenho para a parede. Comecei a desenhar aleatoriamente, seguindo minha vontade. Quando perceberam que eu não estava seguindo o desenho proposto (projeto), pediram-me para parar e chamaram outro jovem para dar continuidade. Talvez ele tivesse mais habilidade com *sprays*, mas

fiquei chateado por ter sido obrigado a parar e não quis assistir ao desenrolar do acontecimento.

A história narrada anteriormente é profundamente significativa para mim, pois só retornei às artes urbanas oito anos depois, durante a minha graduação em Comunicação Visual Design na EBA/UFRJ. Durante toda a minha juventude, embora mantivesse o hábito de desenhar em todos os espaços disponíveis, nunca me foi sugerido ou cogitado a ideia de me dedicar às artes como campo de estudo ou até mesmo profissional. Como qualquer paradigma ou crença comum, o artista ou pintor era visto como alguém destinado a “passar fome”, enfrentar muitas dificuldades financeiras e encontrar poucas oportunidades de trabalho. Eu fui criado com a ideia de que o sucesso financeiro e a estabilidade seriam alcançados através das áreas das ciências exatas, como Engenharia ou Computação. Durante o ensino médio, frequentei a FAETEC (Escola Técnica Estadual Visconde de Mauá) e cursei Eletromecânica por três anos. Em seguida, prestei vestibular e ingressei no curso de Nanotecnologia na IMA/UFRJ, onde permaneci por mais três anos. Contudo, após esses anos de estudo intensivo nas áreas de exatas, cheguei ao limite das minhas capacidades físicas, mentais e emocionais.

O meu baixo desempenho acadêmico e a minha grande dificuldade em assimilar os estudos científicos me faziam sentir derrotado e distante dos meus colegas de curso. O momento decisivo ocorreu durante uma aula de Química Orgânica 2, no primeiro semestre de 2018. O professor fez uma pergunta à turma: “*O que vocês desejam realizar para as pessoas? Que legado vocês querem deixar neste curso?*” Fui o primeiro a responder, expressando meu desejo de criar algo que fosse incrível e marcante, ainda que não soubesse exatamente o quê. O professor, ao ouvir minha resposta, me perguntou: “*Então, por que está neste curso?*”. Foi um choque de realidade. Naquele momento, percebi que minha verdadeira paixão estava sendo suprimida pelas expectativas da sociedade. Decidi trancar o curso e descobrir o que realmente desejava fazer, isto é, o meu legado.

Após passar o primeiro semestre de 2018 pesquisando e refletindo, encontrei o curso de Comunicação Visual Design e decidi migrar para esta área, aos 22 anos, recomeçando minha formação do zero. Conhecendo o curso, suas disciplinas e a profusão de arte que adornam as paredes do prédio da Reitoria, reencontrei a minha paixão pelo graffiti que havia sido esquecida, ou melhor, adormecida. Assim, iniciei uma nova jornada de exploração e criação nas artes urbanas. O que eu desejava realizar para as pessoas não estava na Nanotecnologia, mas sim onde estou hoje.

Ao recordar da minha própria história, começo a me aprofundar nas questões do “e se...?”. E se eu não tivesse interrompido meu envolvimento com o graffiti? E se desde cedo eu tivesse sido incentivado a estudar e criar mais obras de arte? E se eu tivesse conhecido alguém ou encontrado materiais que pudessem me guiar pelos

caminhos da arte urbana? E se tivesse tido maior acesso ao graffiti, a sua história e importância cultural? Sinto que o pequeno artista e sonhador dentro de mim foi “sufocado” por uma série de paradigmas e desinformação, e somente na fase adulta, ao desconstruir uma série de estereótipos, imaginários e preconceitos, tive a oportunidade de voltar. Mas quantos outros potenciais artistas, grafiteiros, pintores ou desenhistas não tiveram a mesma sorte de se reencontrar com as artes como eu? Quando estou na rua criando minhas obras de arte e ouço crianças, cheias de brilho nos olhos e admiração, dizendo o quanto aquilo é incrível e que também adoram pintar, não hesito em incentivá-las a seguir em frente. Se elas amam isso, devem continuar pintando, estudando e fazendo o que gostam, independentemente do que os outros digam. Quem dera eu tivesse escutado isso quando era criança.

Com esse desejo de contribuir para o futuro de possíveis artistas, ou pelo menos permitir um maior acesso à cultura de rua para as crianças e adolescentes, de sensibilizar o olhar para as imagens, decidi iniciar um projeto que resultou no TCC. Portanto, reforço aqui que meu objetivo é criar um material impresso, informativo e divertido para que as crianças e adolescentes possam se aprimorar e sonhar com um futuro em que possam viver de acordo com sua imaginação e suas habilidades artísticas. Trata-se de um desejo, para alguns utópico, de não restringir as ciências exatas como o único caminho para ser bem-sucedido profissionalmente, de estimular o sentimento de identidade e a sensação de pertencimento.

1.1. Biografia e o Vivências pelo Graffiti

Minha carreira como artista urbano, hoje plenamente assumida, teve início no final de 2018. Como mencionei anteriormente, após me envolver com as expressões artísticas e conceitos apresentados durante a minha formação universitária, bem como os trabalhos produzidos pelos colegas dentro e nos arredores do Prédio da Reitoria, na Ilha do Fundão - RJ, dei início às minhas próprias criações, dando vida ao meu primeiro personagem, o Pirikitu. Inspirado em minhas calopsitas de estimação, que permanecem comigo até os dias de hoje, este personagem é uma representação de um pássaro capaz de se metamorfosear em qualquer espécie ou cor de ave, conferindo-lhe uma versatilidade singular em composições artísticas. Além disso, comecei a adotar o pseudônimo de LOCUTOR, apelido que ganhei antes de me envolver com o graffiti, quando participava de saraus de poesia no Rio de Janeiro. Minha habilidade de rimar, aliada a uma entonação vocal que evocava a dos locutores dos supermercados Guanabara, foi o que originou esse apelido. Com a convergência entre os saraus de poesia e a cultura *Hip Hop*, decidi incorporar esse nome como minha identidade artística no mundo do graffiti.



(Imagem 1: Graffiti do Pirikito, 2022)



(Imagem 2: Graffiti original do Locutor, 2023)

Ao longo dos anos, fui gradualmente me inserindo no universo do graffiti, inicialmente de forma discreta, comparecendo a eventos, encontros, roda de trocas de adesivo, para assim começar a me enturmar com os demais praticantes. Com o tempo, tive a oportunidade de aprender com pessoas que se tornaram verdadeiros mentores para mim, como os grafiteiros do grupo Trapa Crew (Nadi, Cast, Leco e Rafa), que ministraram *workshops* nos quais pude aprimorar minhas técnicas e até mesmo me convidaram para colaborar em algumas de suas obras. Além disso, contei com o apoio e a orientação de Thiago Harynk, proprietário da loja de materiais para graffiti, Harynk, localizada em Madureira, Zona Norte do Rio de Janeiro, que me ofereceu suporte inicial e assistência indispensável.

Em 2022, à medida que a sociedade iniciava seu processo de recuperação após os desafios enfrentados durante a Pandemia de Covid-19, fui convidado por Jonathan Melo (conhecido como Designs do John) para participar, juntamente com Paula Dornelles (conhecida como Paula LLes) e Bernardo Ferreira (conhecido como China), de um projeto de graffiti intitulado ZN de Cor+Ação. Idealizado por Jonathan, esse projeto tem como objetivo central promover a ressignificação e revitalização de espaços urbanos na Zona Norte do Rio de Janeiro por meio da expressão artística do graffiti. O ZN de Cor+Ação surgiu da percepção da escassez de murais e obras de graffiti na região suburbana do Rio de Janeiro, especialmente onde costumávamos transitar. Desde jovem, Jonathan foi um entusiasta e praticante das artes urbanas e, ao longo do tempo, observou que os jovens tinham acesso limitado ou inexistente à cultura do graffiti em suas próprias comunidades, sendo necessário deslocar-se para áreas mais privilegiadas, como o Centro e a Zona Sul da cidade, para encontrá-la e apreciá-la. Essa disparidade levantou a questão: *“Por que uma forma de arte que nasceu e floresceu nas periferias e subúrbios só era encontrada nas áreas mais abastadas?”*. Para reverter esse cenário e elevar a autoestima da população da Zona Norte, nosso grupo se comprometeu a concentrar seus esforços nas áreas menos

favorecidas dessa região, levando a arte urbana para crianças e jovens por meio de murais e oficinas em escolas públicas locais.

Em pouco mais de dois anos de trabalho colaborativo, tivemos a oportunidade de pintar murais e ministrar *workshops* em diversas escolas, participar de documentários e eventos de graffiti, viajar para produzir arte urbana tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo, conceder entrevistas televisivas sobre as atividades realizadas nas escolas e, mais recentemente, ser selecionados pelo Edital de Fomento à Cultura Ações Locais, pela Lei Paulo Gustavo, de Incentivo à Cultura da Cidade do Rio de Janeiro¹. O nosso coletivo continua empenhado em cumprir a missão de disseminar a arte urbana pela Zona Norte da cidade e por todas as regiões, municípios e estados onde nossa presença é solicitada. Durante esses seis anos de prática do graffiti pude aprimorar minhas técnicas, conhecer pessoas extraordinárias e receber oportunidades que antes nem imaginava serem possíveis. Neste momento, percebo que os *sprays* não apenas pintam as paredes, mas que também “abrem portas”, proporcionam possibilidades e sonhos. É essa visão de um futuro vibrante e repleto de cores que desejo transmitir às crianças e adolescentes que hoje rabiscam e coloreem seus cadernos com sua imaginação e criatividade, mostrando-lhes que o que fazem não são meros desenhos, mas sim o potencial para um futuro divertido, promissor e enriquecedor.

1.2. Aprendendo a como ensinar

Para buscar a melhor forma de transmitir as informações e toda a cultura que envolve o universo da arte urbana e depois transformar em conteúdo para a revista, iniciei no dia 03 de março de 2024 um *workshop* voltado para o público infanto-juvenil. Reuni 5 crianças (3 meninas e 2 meninos) na faixa de 10 a 13 anos com o intuito de apresentar a arte do graffiti através da contextualização, através da fala e imagens ilustrativas, a história da cultura *Hip Hop* e o graffiti, atividades práticas para que assim possam desenvolver suas habilidades em ilustração, técnicas de execução de artes voltada para a arte urbana, criação de identidade própria e treinos com *spray*.

Para estruturar um plano de aula e comunicação didática, busquei informações com alguns profissionais na área da Educação e das Artes Urbanas, sobretudo com quem possui experiência em dar aulas para crianças, adolescentes e jovens. Primeiramente, conversei com o professor Marcelo Buzon, formado em Belas Artes pela UFRRJ, que está há 5 anos atuando em sala de aula, do Ensino Fundamental 2 até o Ensino Médio, rede pública de ensino. Em nosso encontro, ele me contou a

¹ Secretaria Municipal de Cultura (SMC) do Rio de Janeiro, Edital de Ações Locais - Edição Paulo Gustavo, nº3, 2023. Disponível em: <https://cultura.prefeitura.rio/wp-content/uploads/sites/38/2023/11/CATEGORIA-1-Resultado-Final-da-Fase-de-Classificacao.pdf> Acesso em: 05 maio 2024.

respeito do desafio que é entregar a matéria de Arte para uma turma de até 30 alunos. Primeiro, ele busca uma abordagem com o objetivo de passar o conteúdo da disciplina (utilização de meios diversos para transmitir informações precisas e técnicas, como livros, histórias e vídeos); contextualização (momento em que a parte expositiva dá lugar a conversa, fundamental para tratar do conteúdo e suas aplicações a partir do cenário atual e da realidade da turma); e por fim, mas não menos importante, a prática (quando é feito um convite para executar o conteúdo apresentado).

Entre os desafios que um Professor de Artes enfrenta para dar a matéria, está o de fazer com que os alunos entendam que a Arte não se resume em pegar materiais e usá-los sobre uma superfície, seja a parede ou o papel, ao contrário, ela está além. Cada arte possui uma história, precisa ser contextualizada, é resultado de uma prática, tem uma finalidade de ser e um porquê de alguém ter feito. Para isso, usar vídeos, filmes e outras formas de comunicação audiovisual são importantes para atrair a atenção do público-alvo. Além disso, é necessário também disponibilizar materiais para que os alunos possam utilizar e buscar formas criativas e lúdicas de executar as tarefas. Quando a matéria escolar começa a falar do graffiti, tende a ser mais compreendida e bem vista pelas crianças, sobretudo por ser um campo artístico de fácil acesso e muito presente em suas realidades. Cabe ao professor, incentivar que seus alunos passem a olhar e encontrar a arte no meio urbano.

Em uma aula de Arte que tem como objeto de estudo o grafitti, uma das metas centrais é falar da importância de fazer, compreender as suas nuances, formas e aplicações na cidade. Um dos tópicos debatidos de forma mais recorrente é a diferença existente do grafite para a pichação, tanto no sentido histórico quanto cultural. Se faz necessário falar do processo da marginalização do graffiti e da longa caminhada até a sua aprovação pública, bem como ressaltar a arte de rua como uma forma de protesto, uma forma de chamar atenção, de mencionar seus benefícios e os riscos. E por fim, para fixar a comunicação e o entendimento com as crianças, ele comentou que por meio da escrita é mais fácil absorver as ideias e conceitos. Além disso, mencionou que as Histórias em Quadrinhos é um recurso muito fácil e acessível para se utilizar em sala de aula, permitindo-lhe transmitir a informação e manter a atenção da turma. Junto a isso, foi dito que também costuma utilizar recursos tecnológicos, como computadores e celulares, por meios dos quais explora materiais digitais, coletados nas redes sociais, a fim complementar o conteúdo impresso e favorecer um maior engajamento.

Outra pessoa fundamental nesse processo, que me ajudou a pensar no conteúdo do *workshop*, foi o artista urbano Daniel Castro, O Nadi. Grafiteiro, membro do coletivo Trapa Crew e a quem considero ser um dos meus Professores das Artes Urbanas, ele ministrou aulas em projetos sociais, como *workshop online* e presencial voltado para o grafite e Informática para catadores do Rio de Janeiro. Em nossa

conversa, ele me contou que uma das questões mais importantes na hora de ensinar Arte Urbana é mostrar a capacidade que o aluno tem de desenhar, de produzir arte, despertar a consciência artística, possibilitando a ele a ida do papel para o muro. E para isso é sempre importante mostrar que o graffiti está para além dos sprays. Mas como? Ensinando técnicas como mistura de cores, criação de cores com pigmentação, utilização de borrifador, pincel, rolo, assim como outros meios e tendências que abrangem a Arte Urbana. Para incentivar o uso de equipamentos de segurança, com máscaras e luvas, uma das estratégias, ou soluções, consiste em usar personagens e dar exemplos de forma lúdica, mostrando que não se trata de um adereço, de gostar ou não, pois cada item tem um porquê. Por fim, vale destacar a relevância de criar projetos e lembranças com o graffiti, para que assim seja possível fomentar o senso de comunidade e amizade que existe dentro da cultura Hip Hop. Com todas essas informações em mente, planejei e dei início ao meu próprio projeto de *workshop*.



(Imagem 3: Alunos do workshop de graffiti)



(Imagem 4: Painel após primeira aula no workshop)

Iniciei a primeira aula contando sobre a minha trajetória no graffiti, como já foi citada anteriormente, para então perguntar a eles “O *que é o grafite?*”. As respostas foram variáveis, algumas disseram que era pintar na parede, outras disseram que era uma forma de expressão artística, e outras não sabiam dizer ao certo o que era. Sabendo disso, dou início ao projeto apresentando as origens do grafite, a cultura *Hip Hop*, como era vista antigamente. As crianças demonstraram admiração e ficaram maravilhadas com que havia acontecido. Compreender a origem do DJ, do MC, do *breakdance* e do graffiti foi fundamental para despertar a curiosidade e o desejo de saber mais sobre a cultura *Hip Hop*, mesmo aquilo não sendo o foco principal do projeto. Aproveitei também para falar das leis para a prática do grafite na cidade do Rio de Janeiro e os materiais básicos para a prática do grafite, e, por fim, finalizar o primeiro dia oferecendo para elas os seus primeiros contatos com *spray*.

Com relação às etapas da parte prática, primeiro entreguei os materiais de segurança (luvas e máscaras descartáveis) e coloquei uma folha grande de papelão preso na parede onde poderíamos exercitar o fazer artístico. Era nítida a animação vinda delas, a curiosidade estava estampada em seus rostos. O início foi mais complicado, pois os seus dedos pequenos tinham muita dificuldade em apertar os *caps* (tampas das latas de *spray*), mas após exercícios iniciais de linha reta, eles começaram aos poucos a se acostumar com a força necessária para apertar. Ao se acostumar um pouco, entender como funciona, elas já estavam mais agitadas para fazer as tarefas seguintes. Houve tanto alunos que eram lentos e deixavam muita tinta escorrer, quanto outros que eram rápidos e deixavam falhas no desenho. Já na parte de desenhar as bordas do quadrado eles faziam com muita pressa e queriam fazer o quadrado num aperto só, não tentavam fazer com uma forma mais calma, uma linha de cada vez. No final, quando paramos para praticar com o Jogo da Velha, eles já estavam mais soltos e acostumados com a força do *spray*, a empolgação fazia eles desenharem os círculos e os xis de qualquer jeito, às vezes até ignorando a partida do Jogo da Velha, mas ainda assim se divertiram bastante.

Após uma hora e meia de aula, eles estavam satisfeitos e ansiosos para o próximo encontro, que seria na semana seguinte. Antes deles irem embora, pedi que selecionassem / escolhessem algum gibi ou HQ que deixei disponível na mesa da aula. O instituto, em resumo, consistiu em fazer com que além de praticar a leitura também pudessem me mostrar o que mais os atraía nessas publicações. Assim, ter essa informação me ajudaria a encontrar a melhor linguagem para me comunicar na revista que eu estava disposto a criar e, de fato, criei.

Já para a segunda aula, quis ensinar um pouco mais sobre teoria das cores. O intuito da aula era trabalhar na criação de uma paleta básica de cores para pintarmos um painel, mas antes disso eu queria que elas tivessem uma noção básica do que cada cor “fala” quando é aplicada, embora esse não tenha sido o foco principal do mural que praticamos na aula. Iniciei o encontro mostrando um quadro branco com círculos brancos e contorno preto e, em seguida, pedi a eles para dizerem o que viam ou o que imaginavam que era. Elas tiveram conclusões que nem eu mesmo consegui ver no início. O mais curioso, por exemplo, foi eles mencionarem que pareciam pessoas carecas vistas de cima, além de dálmatas e sorvete de flocos. Assim, peguei a oportunidade para comentar a importância da aplicação das cores e que cada uma delas pode trazer uma visão ou um significado novo para o mesmo desenho. Comentei com elas que cada cor já traz um significado próprio, perguntei o que vem à mente quando estão diante da cor vermelha, laranja e assim por diante. Então, retornei para a primeira imagem e mostrei variações de cores aplicadas a ela para que todos pudessem observar o que uma mesma imagem é capaz de se transformar dependendo da cor que resolvemos usar. O preto e branco fez parecer o pelo de um

dálmata, o preto no vermelho fez parecer uma joaninha, o branco no azul fez parecer neve, e assim por diante. Na sequência, mostrei um desenho simples do que poderia ser um sol entre o céu e o mar, e perguntei que cor eu poderia aplicar se quisesse fazer um sol nascente, e depois a cor para fazer o sol poente.

Reservei uma parte da aula para mostrar os materiais do dia: tinta látex branca e corantes de diversas cores. Iniciei solicitando que misturassem o corante amarelo, azul e vermelho para criar as cores primárias. Após isso, perguntei o que aconteceria se misturassem duas cores e foi então que produzimos as cores laranja, roxo e verde, ou seja, as secundárias. A animação era muito grande para uma tarefa muito simples, criar cores com tinta e corante misturando elas em potes. A atividade se transformou em uma grande bagunça, em diversão coletiva, elas estavam animadas em criar tonalidades e cores diferentes misturando as tintas. Ficaram ainda mais eufóricas quando fomos para o mural pintar com aquelas tintas que eles mesmos produziram. A energia era tanta que mal conseguiam parar e prestar atenção nas instruções de como seria executada a pintura. Utilizando peças de EVA expliquei a elas como é a forma correta de executar uma pintura de graffiti, onde devemos pintar “do fundo para frente” ou seja, começamos colorindo o fundo da imagem e pouco a pouco pintando cada parte que vem se colocando na frente do desenho.

O mural realizado pelo grupo foi um Jardim do Éden, referência ao Paraíso do livro de *Gênesis*, da *Bíblia Sagrada*. Na composição havia plantas e um casal no centro, os quais foram traçados com antecedência para que as crianças pudessem se guiar pelo desenho e adicionar as cores nas formas. Todos eles pintaram a parte do fundo da tela juntos, usando pincéis e rolos de forma agressiva e aleatória, o que não era necessariamente um problema uma vez que se tratava apenas da parte do fundo. Dando continuidade, solicitei a cada um que escolhesse uma tinta para pintar uma planta específica do quadro e que tentassem ser mais delicados para pintar dentro do rascunho que estava na tela. Contudo, em sua euforia, preencheram a área rapidamente para ver o resultado, deixando assim a tinta sair para fora do desenho, poluindo aos poucos a composição. Independentemente disso, o mais importante é que se divertiram e gostaram do primeiro resultado, que não apresentava uma arte vetorizada perfeita, mostrando realmente como seria qualquer pintura inicial de uma criança. Desse modo, consegui perceber que preciso trabalhar com elas a paciência e a delicadeza para executar os traços dos desenhos, sobretudo futuramente, em novas oportunidades.



(Imagem 5: Alunos criando cores de tinta)



(Imagem 6: Alunos usando tinta no painel)

Na terceira aula, por sua vez, busquei valorizar uma experiência de preparo antes do “vamos ver” na parede, antes de “colocar a mão na massa”. Para isso, recorri à caneta e ao papel para desenvolver a atividade. Em minha introdução, comecei apresentando os tipos de escrita no graffiti para não apenas deixá-las antenadas nas diferenças e dialetos, mas para que eles pudessem ver mais possibilidades e assim se diferenciar com suas artes e testar novas formas de produzir. Busco sempre ensinar de forma simples e visual como identificar os seguintes estilos de escrita no graffiti: *Tags*, *Throw Up*, *Bomb*, *Piece*, *3D*, *Wild Style* e o *Grapixo*, apresentando imagens que ilustram cada estilo e explicando suas funcionalidades e com executá-los numa parede. Às vezes acabo esquecendo que, por serem iniciantes, elas nunca tiveram um contato ou devida apresentação a esses estilos, de modo que ficaram encantadas com as diferenças de cada um visto em aula.

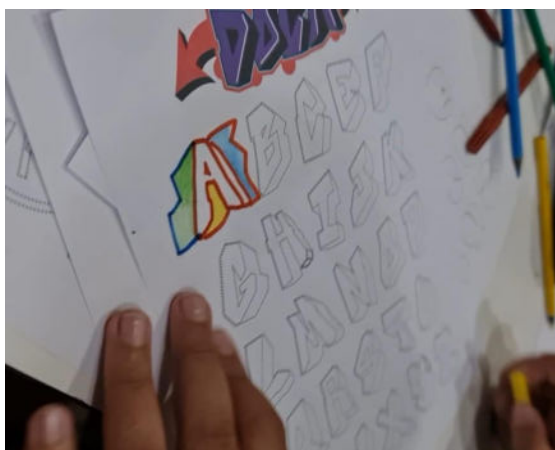
Para o desenvolvimento da parte prática, entreguei 5 folhas de Caligrafia para cada aluno, com amostras dos primeiros 4 estilos mencionados, incentivando-os constantemente a serem criativos para colorir as letras por dentro e por fora. Solicitei, além de traçar as linhas, que elas também adicionassem cor à parte interna e externa das letras e explorassem as suas criatividade. Com isso, busquei aflorar a técnica de cada um, que, para minha surpresa, foi um momento descontraído e divertido. A atenção e dedicação para tentar criar algo era nítido. Eles estavam muito empolgados pelas primeiras interações com as letras de grafite no papel. Cada um com seu estilo, cada um com suas cores.

Em certo momento, começamos a falar de nomes e identidade, e como buscar a sua, ter a sua no meio da arte urbana. Foi engraçado ver como eles estavam apresentando suas novas identidades e aceitando as minhas dicas. As três meninas do grupo tinham uma preferência especial por gatos, por serem bichos pequenos e fofos, logo cada uma se intitulou com apelido diferente fazendo referência ao animal, a Giovana (ZO-Kit), a Ághata (CatCut) e a Rafaela (Koru-Miau). Foi interessante e

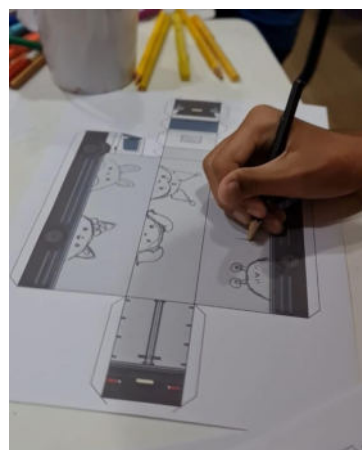
fantástico como tudo se deu. Resolvi batizá-las então de *Cats Crew* e elas também gostaram do nome, acharam maravilhoso. O Igor, com o seu nome utilizado nos jogos de celular, como *Free Fire*, se denomina IGZINNN (com 3 “n”). E por fim, o Cauã, que parecia mais distante e desanimado, conseguiu se motivar quando disse a ele que era a terceira vez que eu o encontrava com a camisa da seleção brasileira e, desse modo, daquele momento em diante, ele seria chamado “Brazuca”. Ele riu do comentário e aparentou ter gostado do seu novo nome.

Após 30 minutos de exercício, entreguei para cada um uma folha com um desenho de um caminhão ou kombi, e pedi para que desenhassem ou escrevessem por cima dos automóveis com as letras que passei. Logo depois, cortamos as bordas do desenho, dobramos e colamos para criar maquetes desses veículos, transformando-se então em totens personalizados com a sua arte. Passado o tempo de conversas e desenhos no papel, iniciei outra atividade. Desenhar sobre desenhos impressos de caminhões, contêineres e ônibus já é uma prática comum no meio do grafite, principalmente nas resenhas e encontros, mas para tornar mais interessante, entreguei um caminhão e uma Kombi impressos onde além de desenhar por cima, eles também poderiam recortar e colar para fazer os totens 3D. Em vista disso, além de ser um exercício de desenho, se tornaria uma lembrança da nossa aula.

Nesse dia, consegui ver cada um experimentando o estilo que treinaram durante o exercício da folha caligráfica. Igor, Giovana e Ágata se aventuram pelo Bomb, Kauan optou pelo Grapixo, enquanto a Rafaela desenhava personagens fofos e delicados. Ali, naquele momento, comecei a ver o desenvolvimento de suas identidades e estilos próprios para o grafite.



(Imagem 7: Folhas de caligrafia sendo desenhadas)



(Imagem 8: Maquete de caminhão sendo pintada)

Passado 1h15 de aula, decidi passar para a próxima etapa, apresentando uma nova técnica de grafite que pode facilitar muito a criação e a precisão das crianças e adolescentes. Apresentei para elas o estêncil, técnica de recorte de papel para reproduzir desenhos nas paredes de forma mais precisa, muito usado para retratos ou

artes que tem curvas muito específicas e silhuetas. Iniciei passando imagens de obras do Banksy, sem me aprofundar na sua história, biografia e nas contradições de suas artes, decisão tomada sobretudo por conta do pouco tempo que ainda tínhamos de aula.

Distribui para cada aluno 3 desenhos diferentes e pedi que eles selecionassem 1 para podermos cortar e depois pintar da parede. Os desenhos não eram tão complicados, porém, senti uma certa dificuldade por parte deles em cortar de forma correta as linhas dos desenhos. Mais do que um problema de coordenação motora fina, creio que seja em parte por ser uma folha com uma gramatura maior do que estão habituados. Em razão do objetivo da atividade, foi escolhido um suporte mais resistente. Também vale destacar que, como as tesouras separadas para o corte eram muito grandes para as suas mãos, resolvi ajudá-los a cortar os papéis para ganharmos tempo. Com os papéis cortados, fomos para a parede a fim de começar a pintar. Cada um pintaria com uma esponja, demonstrando que na falta de um rolinho para pintura, uma esponja de cozinha pode ser utilizada. Em seguida foi a vez do *spray*. O dia passou e o cansaço já era perceptível nas crianças, mas isso não as impediu de se animar e realizar a pintura na tela. Elas descobriram a eficiência do estêncil e assim mais foi encerrado mais um dia gratificante de aula.

Na quarta aula, continuamos os processos manuais, explorando outra área básica e muito popular no graffiti, o *sticker*. Os *stickers* ou figurinhas, consistem em papel adesivo, uma prática corriqueira entre os artistas urbanos, sobretudo os que confeccionam adesivos com suas artes originais, seja de forma manual ou impressa, para a troca e coleção entre praticantes. Funciona como na época dos álbuns de figurinhas colecionáveis, com a diferença de que trocar essas figuras é como presentear as pessoas com uma amostra da sua arte. Iniciamos desenhando e desenvolvendo nossas artes individuais, com o passar dos dias cada aluno começou a amadurecer um estilo próprio para então levar para a parede. As meninas da Cats Crew (Ágatha, Rafaella e Giovanna) mostraram um ótimo desempenho em personas, criando seus personagens originais com muita destreza. Já o Kauan (BRAZUCA) se apegou ao estilo *Grapixo* (uma fusão dos pixos paulistanos com uma aspecto de graffiti) e o Igor (IGZINNN) se destacou no estilo *Bomb* (Letras enxadas como um balão e de rápida execução).

Após um tempo de pinturas, passei para cada aluno um papel adesivo e pedi que desenhassem para podermos trocar o resultado uns com os outros – e claro que também não fiquei de fora. Foi uma aula mais tranquila e concentrada, com a atenção voltada para os detalhes do papel. O entusiasmo só não foi melhor do que antes, pois dessa vez não teríamos pintura na parede. Ainda assim, a dinâmica deu certo e

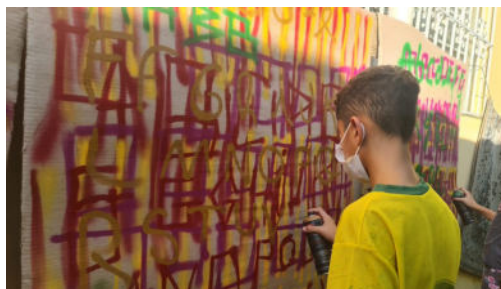
começou a sair vários *stickers*. Passamos o resto da tarde trocando figurinhas, como eu costumava fazer em minha infância e adolescência.

Finalizamos as instruções em sala e agora vamos focar na prática e no *spray*. A partir da quinta aula, começamos a focar nos treinos com *spray* nas paredes. Novamente posicionei a folha de papelão na parede, uma para cada aluno, entreguei os materiais de segurança e uma lata de *spray* para cada uma. Pedi que comesçassem fazendo traços verticais e horizontais para que pudessem se acostumar com a força do *spray* e o peso da lata e que procurassem fazer traços mais concentrados e com uma grossura parecida do início ao fim das linhas, o que gerou resultados interessantes após um tempo de prática. Em seguida, um exercício para desenhar quadrados precisos com um traço de cada vez.

O próximo trabalho foi para grafitar o ABC, primeiro com traços retos e depois com curvas. Nesse momento, elas já estavam melhores adaptadas, quer dizer, acostumadas com os *sprays*, como segurar, apertar, mexer. Para finalizar o dia, cada um fez um *Bomb* com seu nome artístico, mas antes expliquei o passo a passo e a ordem para fazer o graffiti de forma correta. Orientei que eles iniciassem com o contorno das letras com uma cor e após isso colorindo com essa mesma cor por dentro desse contorno. Então, usando outra cor, refizeram os contornos e adicionaram uma sombra. Por último, com uma terceira cor, criaram um *outline* e adereços para a composição. As crianças se entregaram com muita paixão nessa tarefa, o desejo delas de se desenvolver no graffiti neste momento gerou um ótimo resultado e fez elas ficarem ainda mais animadas para a próxima aula.



(Imagem 9: Aluna Rafaella após grafitar seu apelido)



(Imagem 10: Aluno Kauã treinando com spray)

Nas três aulas que se sucederam demos continuidade aos trabalhos na parede e continuamos a treinar com os *sprays*. Assim, consegui observar gradativamente o modo como cada criança se aprimora, seu toque e seu estilo a cada arte que era produzida. Seus potenciais eram nítidos e o desejo em continuar a prática do graffiti era lembrado a cada semana. Foi uma tristeza para elas ouvir que seria necessário encerrar o nosso pequeno *workshop*, pois existia um número x de encontros e não poderíamos estender devido a outros compromissos. Elas me deram valiosas lições e ideias sobre o que posso fazer para entregar um material de qualidade, para

incentivá-las a continuar a praticar e, igualmente, para se manter atento, conectado, em contato e conhecendo o universo das artes urbanas. Enquanto a mim, nesse lugar de educador / mediador, manifestei com gestos e palavras o meu desejo de voltar a ensinar mais e mais, tanto para esse grupo quanto para tantos outros que estão por vir. Por fim, deixei como promessa que um dia, muito em breve, eles poderão ter acesso e desfrutar da revista que naquele momento ainda se encontrava em fase inicial. A *Lata Cheia* materializada não só história, atividades e cuidados a respeito do grafitti e da cultura Hip Hop, antes de tudo, ela torna concreto / palpável o sonho de aprender-ensinar, de democratizar o acesso à arte urbana, o que nasce no coração das periferias.

2. Hip Hop - 40 anos de Cultura no Brasil

Há 50 anos, em 1973, o Hip Hop surgiu nas periferias do Bronx, bairro de Nova York, Estados Unidos. Não levou muito tempo até essa cultura chegar ao Brasil, tanto

é que no ano passado, em 2023, foi celebrado os 40 anos de sua existência em território nacional. A cultura Hip Hop nasceu em meio ao caos urbano e vulnerabilidade social de Nova York, sendo um de seus principais intuitos ser uma festa, onde personagens fundamentais da cultura, como Cindy Campbell (reconhecida como a mãe da cultura Hip Hop) e seu irmão DJ Kool Herc, reuniam pessoas da comunidade para um momento de dança e lazer. Como um válvula de escape para as mazelas sociais e econômicas daquele momento, as festas foram ganhando mais e mais notoriedade, especialmente com as performances realizadas por *b-boys* e *b-girls*, que marcaram o movimento com o estilo *breakdance*; DJs e MCs, que improvisam rimas e batidas com os toca-discos; e, por último, mas não menos importante, os artistas do graffiti, que promoviam intervenções nos muros da cidade com seus *sprays*. Foi há 50 anos que os jovens do Bronx uniam os 4 elementos que formariam o que hoje é uma das expressões culturais mais populares, sobretudo nas periferias. A dança do *break*, o som dos *disk jockey* (DJs), as letras dos mestres de cerimônias (MCs) e as artes dos grafiteiros, formaram a cultura Hip Hop, como pode ser observado em uma das páginas da revista *Lata Cheia*, produção que será apresentada mais adiante.

No início da década de 80, o movimento cultural supracitado começou a “dar suas caras” pelo Brasil. Ganhou cada vez mais popularidade e, com isso, passou a ser comercializada através da música e do cinema em filmes como *Hip Hop: Wild Style* (1983) ou *Beat Street* (1984)². Tal cultura começou a firmar suas raízes em São Paulo e posteriormente a expandiu para outras cidades, sobretudo nas capitais. Por volta de 1983, a Estação de São Bento, e seu chão liso na Rua 24 de Maio, se tornou o ponto de encontro para o surgimento do Hip Hop nacional, onde *b-boys* e *b-girls* mostraram o seu *breakdance* com misturas de *funk*, capoeira e *footwork*, surgindo nomes como Nelson Triunfo (*b-boy* e um dos idealizadores desses encontros) e Kika Maida (*b-girl*). O berço de onde saíam os primeiros e mais influentes *rappers* nacionais como Thaíde, DJ Hum e os membros de um dos grupos mais importantes e emblemáticos do Hip Hop brasileiro, Racionais MCs (Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e DJ KL Jay). Esse mesmo local influenciou e promoveu o encontro dos primeiros grafiteiros e que hoje são considerados lendários, como Os Gêmeos, nome artístico usado pela dupla de irmãos Otávio Pandolfo e Gustavo Pandolfo para assinar os seus trabalhos.

São 40 anos de resistência cultural, de luta contra o racismo e repressão social, por ser uma cultura que tem a sua origem nas classes baixas da sociedade, de reivindicação do povo periférico pelo espaço e papel na sociedade contemporânea. Em razão de seu caráter político, histórico, artístico e cultural, a cultura Hip Hop foi e é capaz de mudar vidas, até mesmo salvar vidas, principalmente de quem se encontrava em situação de vulnerabilidade social, afastando-os das drogas, do crime e da violência.

² Na tradução para o português (PT-BR), o filme passou a ser chamado de *A Loucura do Ritmo*.

Nesse sentido, tudo o que ela já fez e o que está fazendo merece ser lembrado e celebrado. Não por acaso, em 2024, a Escola de Samba Vai-Vai, de São Paulo, resolveu adotar como tema para o seu desfile os 40 anos de cultura Hip Hop no Brasil, prestando uma homenagem não só para o movimento, mas para todos que contribuíram para sua existência, resistência e legado.

2.1. O Desfile da Escola de Samba Vai-Vai

Fundada em 1 de janeiro de 1930, no bairro do Bixiga, a Escola de Samba Vai-Vai, que tem as cores preto e branco e como símbolo uma coroa com ramo de café, coleciona histórias, títulos, lutas e triunfos que fazem de todo seu percurso um exemplo de resistência cultural por si só. Com 94 anos de existência, em 2024, a Vai-Vai escolheu falar sobre cultura Hip Hop em seu desfile de Carnaval. A fim de desenvolver uma análise crítica, vale mencionar que, aparentemente, trata-se da primeira vez que tal assunto é abordado por uma escola de samba. Nesse sentido, a sua existência corresponde a um marco na história da cultura brasileira por ser a fusão de duas manifestações culturais de origem preta e periférica. Juntas, uma como narrativa e outra como temática, resultaram na celebração da arte feita por, com, para e sobre o povo, na qual é possível se ver representado.

“Capítulo 4, Versículo 3 Da Rua e do Povo, o Hip Hop: Um Manifesto Paulistano”, nome escolhido para o desfile da escola de samba, faz uma alusão a uma das mais icônicas músicas de um dos grupos de rap mais importantes do Brasil até os dias atuais, os Racionais MCs.³ Na ocasião, DJ KL Jay, membro do grupo, participou da composição rítmica e musical do enredo. Os carros alegóricos, as fantasias e o samba são cheios de simbolismos e referências aos elementos da cultura Hip Hop, bem como exalta um quinto elemento, o Conhecimento, que complementa a expansão contínua da cultura para sua sobrevivência e luta para a elevação dos grupos marginalizados que promovem essa mesma cultura. O desfile também se destaca por manifestar a revolta e os levantes populares em suas alegorias. Um dos momentos mais icônicos foi quando as forças policiais de São Paulo foram representadas como demônios, criaturas monstruosas, repressores da cultura e do povo. Também merece nossa atenção o carro alegórico que trouxe a estátua do bandeirante Borba Gato, mito de origem da cidade, símbolo identitário e escravocrata, vandalizada pelo pixo e em chamas, fazendo referência explícita a mesma estátua que foi incendiada em 2021, em São Paulo, sendo esse um protesto frente a crescente onda fascista e racista que assola o nosso país. Tais manifestações foram noticiadas no pós-desfile em jornais, sites e TV, além de ter sofrido rejeição e insatisfação dos representantes do policiais que se sentiram ofendidos pela representação negativa, o que gerou uma nota de

³ Terceira faixa do segundo álbum de estúdio do Racionais MCs, *Sobrevivendo ao Inferno*, lançado em 1997.

repúdio e multas para escola. Independentemente, tal situação não é o bastante para apagar ou esconder o fato que são assuntos e temas que a cultura Hip Hop aborda durante toda sua história e que foi muito bem entregue nessa fusão de culturas realizada por meio do desfile de carnaval da Vai-Vai.

A Vai-Vai foi a primeira escola a desfilar pelo Grupo Especial, no dia 10 de fevereiro, conquistando a 8º posição na avaliação dos jurados. Apesar de não ter feito parte do Desfile das Campeãs, a sua proposta foi importante, marcante e única para a história do Carnaval em 2024, contribuindo assim para levar, por meio de uma festa popular, a cultura das periferias a um número maior de pessoas. Por meio do enredo, a sua história e evolução foi contada através dos anos, com atenção para o seu compromisso em abraçar os marginalizados e combater as desigualdades, de ser algo do povo e para o povo, como é próprio do Carnaval. Essa homenagem foi uma das muitas que o Hip Hop recebeu em nosso país em razão do seu aniversário de 40 anos.

2.2. O Graffiti Carioca e Fábio Ema

O graffiti do Rio de Janeiro, tanto carioca quanto fluminense, quando comparado com o de São Paulo, sofreu uma certa demora para se desenvolver, sendo um dos motivos a falta ou escassez de acessos aos materiais informativos sobre a cultura Hip Hop. Na falta de referências, o que motivaria tal prática por aqui? Junto a isso, não podemos nos esquecer de como no início dos anos 1980 o graffiti já se fazia presente nas ruas do entorno da Estação de São Bento, capital paulista. Em vista disso, devemos-nos perguntar: em que momento as artes urbanas ganham força na cidade do Rio de Janeiro, local de onde falamos e partimos para o desenvolvimento do trabalho. Para descobrir mais a respeito disso, tivemos o privilégio de entrevistar um dos artistas mais antigos e renomados da cena local, precursor dos primeiros murais na “cidade maravilhosa”, Fábio Ema.

Fábio Guimarães, vulgo Fábio Ema, nasceu e cresceu no município de São Gonçalo, na Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, e morou boa parte da sua juventude no bairro de Alcântara, região periférica do município. Jovem franzino, consumidor do *punk rock*, praticante de *skate* e do pixo, precisava ser ligeiro para escapar das confusões e, às vezes, até da polícia, quando estava pixando por aí. Suas pernas finas e a velocidade em que corria lhe renderam o seu apelido que até hoje é o seu vulgo: Ema. A fim de gerar fontes de pesquisa, subsídio para escrita da monografia e produção da revista, realizamos uma conversa *online*, bem descontraída, onde foi possível conhecer a sua história, seus feitos e, principalmente, como foi o início do graffiti no Rio de Janeiro segundo a sua visão e vivência.

Fábio nos contou que desde “moleque” já era conhecido pelos seus pixos do seu vulgo EMA, que diferente dos pixos característicos do Rio de Janeiro, que pareciam assinaturas rápidas de letras sobrepostas, ele fazia letras arredondadas e espaçadas que, de forma acidental, se assemelhava muito com as letras de BOMB (escrita rápida e abaulada de letras muito comum no graffiti). No entanto, apesar desse relato que remonta o período de sua infância e adolescência, o seu primeiro encontro com as artes do graffiti aconteceu aos 18 anos, em 1989.

À convite de uma amiga, Fábio a fez companhia de São Gonçalo até a Biblioteca Goethe, no Centro do Rio de Janeiro, onde ela fazia curso de Alemão (idioma). Por descuido, os dois jovens acabaram saltando cedo demais do ônibus, fazendo-os então parar distante de seus destinos, mais precisamente próximo às pilastras do viaduto do Caju (ou Gasômetro), no bairro de São Cristóvão. Naquele local, por obra do destino, se depararam com um senhor muito peculiar e barbudo, que estava pintando frases nas pilastras do viaduto. O senhor em questão era José Datrino, conhecido popularmente como Profeta Gentileza. Fábio nos conta que viu o velho pintor no último degrau de uma escada bamba de madeira, e, então, correu para ajudá-lo a se equilibrar. Segundo ele, o Profeta não apresentou muita “gentileza”, contrariando o seu nome. Aliás, até pediu que saísse dali, pois não precisava de ajuda e preferia trabalhar sozinho. Mesmo assim, insistiu em ficar, principalmente depois de ver um homem desconhecido arremessar uma lata de alguma bebida de dentro de um ônibus na direção do velho senhor. Faltava segurança, em vários sentidos, da escada utilizada aos transeuntes mal-educados.

No pouco tempo que ali esteve, ficou admirado com a atitude ousada e a arte original do profeta, que pode ser entendida como um design vernacular, e mais encantado ao ver também o apoio e reconhecimento que outras pessoas davam a ele quando passavam, lhe dando elogios e às vezes presente, como uma flor. Passado um tempo, eles conseguiram ir para a biblioteca, e enquanto ela se direcionava para os livros de língua alemã, ele foi para a sessão de artes. Buscando uma forma de passar o tempo, foi ali que ele se deparou com o livro *“Mémoire d'un art perdu. Les graffiti sur le mur de Berlin”*, um livro que conta através de registros fotográficos os momentos da queda do muro de Berlim. Fábio nos relatou que em uma das páginas havia uma foto do muro totalmente coberta por pintura e pixos muito diferentes e foi naquele momento que ele conheceu pela primeira vez o graffiti ou manifestação pictórica que identificou como tal. Ele insistiu para sua amiga levar o livro para ele, com a promessa de que devolveria para a biblioteca, visto que assim, levando-o para casa, conseguiria se debruçar naquelas imagens. Foi naquele dia, folheando as fotos daquele livro, que ele decidiu que queria criar artes em muros. Assim, de forma despretensiosa, começava a história dos graffiti de Fábio Ema.

Após esses acontecimentos, Fábio iniciou um percurso a fim de desenvolver a sua arte de rua. Conforme ele nos disse, no início, desde o tempo do pixo, comprar latas de tinta era muito caro, e, por isso, usava rolinhos e uma mistura de cal e corante para fazer as cores, usadas no desenho e preenchimento de seus trabalhos, limitando uma lata de *spray* da cor preta apenas para o contorno. Um tempo depois, Fábio e mais dois amigos de pixo, SOLA e RAMPA, se juntam para realizar o seu primeiro painel de graffiti, feito em um beco em Niterói. Já o segundo painel foi realizado próximo a linha do trem da Estação de Alcântara⁴, em uma das ruas mais movimentadas de São Gonçalo, esse painel foi bem mais rico em materiais e execução graças ao apoio financeiro do SOLA, que tinha muito poder aquisitivo (R\$) na época.

A Estação de Alcântara, local próximo a casa de Fábio, era um ambiente que ele descreve como “meio-abandonado”, um local que sofreu com o descuido e os efeitos do tempo, mas que naquele momento se tornaria o “ateliê de rua” para os primeiros graffiti de Fábio. Suas artes começaram a cobrir cada área da Estação, tornando um local único para se ver a performance de um dos elementos da nova cultura que estava se popularizando nos anos 80 e 90, o Hip Hop. As artes da Estação chamaram a atenção do jornal *O Fluminense*, um periódico que circula principalmente nos municípios de São Gonçalo e Niterói, que entrou em contato com Fábio para uma entrevista e fotos dos seus trabalhos. Ele nos relatou que a repórter e o câmera ficaram impressionados e comovidos com as suas artes e como elas mudaram o cenário de abandono do local. Em vista disso, o conteúdo recebeu grande destaque, ocupando a capa do jornal, e, conseqüentemente, gerando publicidade para o nome do artista e para os seus trabalhos. A repercussão lhe proporcionou mais entrevistas de jornais, convites para palestrar sobre graffiti em escolas, trabalhos de murai, até mesmo uma capa na revista *Veja*, de enorme relevância para a época, bem como, tal episódio foi responsável por levá-lo até o projeto que marcaria seu nome na história das artes, ou seja, a participação na turnê da banda *O Rappa*.

Fábio conta que Marcelo Yuka, baterista do *O Rappa* na época, o procurou para conhecer mais de seus trabalhos e oferecer uma proposta. Então ele convidou os músicos para conhecer seu “ateliê de rua”, o que deixou toda a banda impressionada. O ano era 1999 e a banda estava preparando a turnê de lançamento do segundo álbum, *Lado B Lado A*, o qual foi consagrado e eternizado pelos inúmeros sucessos, como *Minha Alma* e *Me Deixa*, além da capa desenhada pelo já consagrado artista urbano nova-iorquino Doze Green. O convite feito a Fábio foi para produzir murais de graffiti durante os shows da turnê, oportunidade que foi abraçada e durou anos, fazendo parte de todo seu desenvolvimento como artista e profissional. Em suas

⁴ Estação de trem inaugurada em 1927 e extinta em 2007.

palavras, os ganhos desses 13 anos de trabalho com a banda lhe ajudaram a realizar e manter seu projeto mais significativo, uma escola de artes em áreas periféricas para capacitar artistas urbanos. A ASAP (Associação Sobrado da Arte e Cultura) eram casas em áreas carentes, ou sobrados, que ele alugou e transformou em escolas de artes, onde ensinou jovens e amigos que hoje também são reconhecidos pelas suas artes, como Marcelo Eco e ACME. Ao todo, foram abertas 7 escolas em locais como Alcantara, Mangueira, entre outros bairros.

A trajetória de Fábio EMA nos revela como o graffiti tem seu poder de transformação não apenas na vida de um indivíduo, mas na vida de uma comunidade, de uma cidade, até mesmo do estado, de uma forma direta ou indireta. As imagens de um muro que separava a antiga Alemanha Ocidental e Oriental abriu o universo de criatividade e artes para o jovem do subúrbio de São Gonçalo. Sua atitude rebelde e livre de produzir arte mexeu com a realidade de uma área carente, tornou um espaço abandonado de grande circulação de pessoas numa grande galeria a céu aberto, sua iniciativa educacional permitiu o surgimento de novos artistas lhes dando as ferramentas e oportunidades para que hoje possam propagar o poder da cultura da arte de rua e encher nossas cidades de cores e vida. A história de Fábio nos ensina o que o graffiti pode gerar numa sociedade e nos inspira a continuar a produzir arte e agora, mais especificamente, a revista *Lata Cheia*.

3. A Revista *Lata Cheia*

No contexto do trabalho de conclusão de curso (TCC), foi decidido que a criação de uma revista corresponde ao formato que melhor atende os nossos anseios como estudante de Comunicação Visual Design. Uma revista mensal, voltada para o público infantil e infanto-juvenil, que aborda o tema Graffiti/Arte Urbana com a intenção

de informar e divertir os leitores enquanto propaga a cultura Hip Hop, de forma contemporânea, buscando promover um acesso com um maior alcance e de modo fácil à sociedade. A periodicidade escolhida permite que a cada mês seja apresentado aos leitores um pouco mais sobre o universo graffiti e práticas afins, como suas histórias, notícias e novidades, atividades práticas e divertidas. Este projeto, como explicado anteriormente, surgiu a partir da memória pessoal, das minhas observações, sobretudo em relação à carência de referências literárias e/ou educativas que pudessem gerar acesso à cultura da Arte Urbana. Além de permitir isso, um dos objetivos que motivou a criação da *Lata Cheia* foi a de criar um material acessível (linguagem) e palpável (impresso), para que seus consumidores pudessem ter o desejo de mantê-los por perto como um objeto de consulta ou coleção.

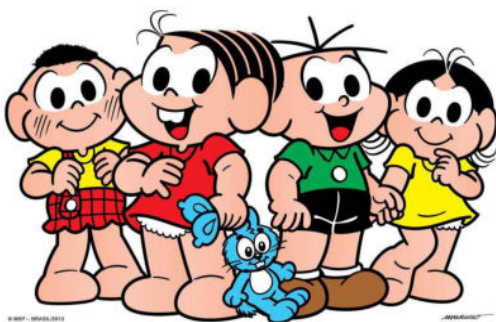
Outra razão que nos levou a ter essa ideia para o projeto foi as várias abordagens do campo de estudos da Comunicação Visual Design, os quais foram adotados e usados para o seu desenvolvimento como veremos mais adiante. Um projeto de uma revista como essa me permitiu realizar os processos de criação de identidade visual para definir *naming*, tipografia, paleta de cores e aplicabilidade da marca. É também considerado um projeto editorial visto que se fez necessário analisar e definir formato, tamanho, pesquisa, diagramação, paginação, impressão, entre outros aspectos técnicos e formais. Igualmente, a infografia foi necessária para organizar e informar de forma atraente e compatível com a proposta da marca da revista. Por fim, além do que já foi citado, a ilustração que vem pelo *briefing*, estilo e referências para criar personagens e histórias, é considerado um aspecto atraente e importante para a composição da revista, principalmente por ser voltada para o público infantil e adolescente.

Como foi visto nos capítulos anteriores, para chegar até o início da criação dessa revista tivemos que passar por etapas de pesquisa sem as quais não seria possível criar a linguagem, caminhos e assuntos que dão o corpo dessa revista. Iniciei realizando entrevistas com educadores e artistas que possuem experiências com o ensino de arte para crianças e adolescentes a fim de descobrir as formas mais atuais para trabalhar essas questões, das metodologias às práticas, para assim criar o plano de *workshop* e aplicá-los com um pequeno grupo, formado por cinco integrantes, e partir dos resultados ver o que e como poderia abordar o tema do graffiti na revista destinado a esse público.

3.1. Referências para encher a Lata

3.1.1. O Mundo de Greg (Craig o the Creek) e o Estilo de Desenho

Da minha primeira infância até a fase adulta, sempre fui um consumidor assíduo de desenhos animados. Acompanhei as diferentes eras e evoluções dos filmes *Disney*, as séries da *Disney Channel*, desfrutei das diversas fases da *Cartoon Network*, além de me divertir com os desenhos da Nickelodeon. A evolução da animação nas grandes emissoras de TV a cabo foi um suporte fundamental para minha decisão de me dedicar ao design gráfico e, principalmente, à prática do graffiti. Meus cadernos eram mais preenchidos com desenhos que eu copiava da TV do que com as matérias escolares. Estou ciente de que muitos meninos e meninas compartilham desse prazer e motivação para produzir arte, concentrando seus esforços e atenção bem mais em conteúdos que aguçam sua criatividade do que nas disciplinas, por vezes julgadas como dispensáveis ou simplesmente entediantes. A *Revista Lata Cheia* surge como mais um conteúdo que visa estimular a criatividade principalmente das crianças, ao mesmo tempo em que educa e informa sobre um campo artístico tão comum e presente em seu cotidiano: o graffiti. O graffiti está ao alcance de todos, nas esquinas, em diferentes ruas; é a forma de arte mais acessível, democrática e disseminada entre a população, e para muitos, é a única forma de arte que conseguem ter acesso. Agora, a *Lata Cheia* existe para levar o conhecimento desse campo para essas crianças.



(Imagem 11: Personagens da "Turma da Mônica")



(Imagem 12: Personagens do "Irmão do Jorel")

Para desenvolver o estilo dos meus personagens, examinei os desenhos animados mais atuais e observei que os canais da *Nickelodeon* e da *Disney Channel* estão mais focados em séries do que em animações no momento. Então, direcionei minha atenção para os desenhos da atual grade da *Cartoon Network*. Sua programação é vasta e inclui animações com enredos muito divertidos, além de produções originais brasileiras como "Irmão do Jorel", "Oswaldo" e "Turma da Mônica".

Percebo também uma tendência interessante em relação ao estilo de animação, onde cada vez mais, não apenas na *Cartoon Network*, mas em outros estúdios, os desenhos parecem ter traços muito semelhantes, ou pelo menos muito próximos: visuais mais simples e arredondados para suas produções, o que possibilita personagens mais expressivos, animação fluída e redução de custos de tempo e

produção. Esse estilo é conhecido pelo nome, não oficial, de *Estilo CalArts*, em referência ao Instituto de Artes da Califórnia, onde muitos dos criadores desses desenhos mais recentes foram formados e adotam esse estilo de animação⁵. Podemos observar isso em obras como "Gravity Falls", "Apenas Um Show", "O Segredo Além do Jardim", "Hora de Aventura", "Steven Universo", e a lista continua⁶. Essa abordagem não é novidade quando nos lembramos dos desenhos produzidos pelo estúdio *Hanna-Barbera*, que replicava incansavelmente a fórmula de animação em quase todos os seus projetos. Para a *Lata Cheia*, tenho o desejo de utilizar esse estilo não apenas por sua facilidade de aplicação, mas também para proporcionar uma familiaridade e adaptação mais rápida às crianças que estão consumindo esse estilo atualmente. A animação que mais me inspira e cativa é "Craig of the Creek" ou, como é conhecida no Brasil, "O Mundo de Greg".



(Imagem 13: Personagens do "Mundo de Greg")

"Craig of the Creek" é uma série de animação americana original da *Cartoon Network*, criada no ano de 2017, por Ben Levin e Matt Burnett, com estreia em 2018⁷. A história gira em torno das aventuras de Craig (Greg) e seus amigos, Kelsey e JP, explorando a natureza local da cidade onde vivem, conhecida como Riacho. Eles vivenciam situações emocionantes e surpreendentes em um local repleto de crianças com inúmeras diversidades e características, físicas e emocionais, que podem existir em qualquer criança. A genialidade dessa série está em sua capacidade de explorar esse pequeno mundo, enchendo-o de diversidade, cultura e alegorias que refletem situações do mundo adulto sob a ótica infantil, onde tudo parece maior, mais grandioso

⁵ GABRY, Matheus Evangelista. A "homogeneização" dos desenhos atuais. **Culturalizei**, Filmes e Séries, 06 jul. 2018. Disponível em:

<<https://culturalizei.wordpress.com/2018/07/06/a-mesmice-dos-desenhos-atuais/>> Acesso em 30 mar. 2024.

⁶ RANTIN, Chris. Afinal, por que os novos desenhos do Cartoon são tão parecidos? **Legião dos Heróis**. Disponível em:

<<https://www.legiaodosherois.com.br/2021/cal-arts-cartoon-network-desenhos.html>> Acesso em: 30 mar. 2024.

⁷ **Craig the Creek**. Disponível em: <https://craigofthecreek.fandom.com/wiki/Craig_of_the_Creek> Acesso em: 30 mar. 2024.

e espetacular. Um aspecto especialmente significativo é o protagonismo de uma criança negra, algo até então raro em animações televisivas.

A melhor referência que possuo para uma animação com um protagonista negro, durante minha transição de infância para adolescência, foi o desenho “*Super Choque*” da estúdio *Warner Brothers*. Podemos também lembrar de outros personagens negros marcantes dos desenhos como Lanterna Verde (Liga da Justiça), Tempestade (X-men) e Cyborg (Jovens Titãs), porém sempre vistos como coadjuvantes ou amigos próximos do protagonista, Super Choque é o primeiro que me recordo de dar o protagonismo a um personagem negro. A história do jovem garoto Virgil que após um acidente com um gás químico adquire poderes para controlar a eletrostática, esse desenho foi reprisado diversas vezes na grade da rede de televisão do SBT.

A série *Mundo de Greg* tem uma linguagem mais juvenil e tem como foco o debate de assuntos mais urgentes e maduros que circulam a juventude negra e em geral, como as drogas, armamento, preconceito, perdas familiares e lidar com o crescimento e responsabilidades. O Mundo de Greg é dedicado ao público infantil a entregar diversão e tratar dos demais assuntos do mundo adulto numa linguagem mais sutil com alegorias do mundo onde a série se constrói. Para a *Lata Cheia*, que trata de um tema com raízes periféricas, de uma cultura nascida no gueto e protagonizada por negros e negras, ter uma referência de animação protagonizada por uma criança negra ajuda minha mente a desenvolver personagens que estabelecerão a conexão entre o universo da *Lata Cheia* e os pequenos leitores.

3.1.2 Revista *Recreio*

Ao fazer um exercício de buscar na memória uma revista que eu mais gostava de ler na infância, que realmente me marcou durante meu crescimento e que por muito tempo foi meu maior interesse literário, me vem à mente a *Recreio*. Consumidor assíduo, afirmo que seu título de ser uma Revista Brinquedo sintetiza muito bem como poderia ser descrito esse material impresso. Não apenas pela fabricação de brinquedos colecionáveis, que foi produzida entre os anos de 2000 a 2018, mas também pelas suas páginas nutridas de conhecimentos, curiosidades, passatempos, histórias e entretenimentos de todos os tipos e gostos para crianças e adolescentes. Meu contato se deu em uma época onde o acesso muito à *internet* ainda era muito limitado e ainda não havia as redes sociais como existe hoje. Era como um jornal ilustrado e colorido, de linguagem simples e acessível, para um público que estava começando a descobrir o mundo a sua volta e como ele funcionava.



(Imagem 14: Exemplos de Edições da Revista Recreio)

Ela foi o passatempo mensal de crianças desde os anos 70. Suas primeiras publicações iniciaram no final do ano de 1969 pela editora *Abril*, mantendo sua primeira fase até o ano de 1981 e retornando com uma nova identidade e nova proposta no ano 2000⁸, sendo essa uma versão eternizada na memória de uma geração a qual pertenço. A publicação se manteve pela *Editora Abril* até o ano 2015, vendida então para a *Editora Caras* (atualmente *Editora Perfil*) que manteve sua venda até o ano de 2018, quando anunciaram sua descontinuidade, parando na edição de número 925⁹. Do ano 2020 até o momento atual (ano de 2024), a revista se encontra em um formato de website, além de suas redes sociais no Instagram, Facebook e Twitter (atual X), se comportando mais como um espécie de *blog* de notícias e curiosidades da cultura pop para o público infantil e adolescente, mantendo ainda sua identidade visual de sucesso dos anos 2000¹⁰. O exemplar impresso mais atual pode ser adquirido pelo site da Editora Perfil¹¹.

Para lembrar o que eu sentia quando tinha a revista *Recreio* em minha posse, fui comprar uma num sebo no centro da cidade do Rio de Janeiro. Foi um espanto abrir a revista e não lembrar o quão colorido e exagerado era sua composição. Foi como um choque de informações, misturando texto e imagens de forma até harmoniosa, mas com cores vibrantes e desenhos que levavam seu olhar

⁸ GARCIA, Roosevelt. Revista Recreio - diversão por gerações. **VEJA SP**, Cultura & Lazer, 14 jul. 2017. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/columa/memoria/revista-recreio>> Acesso em: 26 mar. 2024.

⁹ Revista Recreio é descontinuada. **Meio e Mensagem**, Sem categoria, 12 set. 2018. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/sem-categoria/revista-recreio-e-descontinuada>> Acesso em: 26 mar. 2024.

¹⁰ **Recreio**. Disponível em: <<https://recreio.uol.com.br/>> Acesso em: 26 mar. 2024.

¹¹ **Editora Perfil**. Disponível em: <<https://www.lojaperfil.com.br/recreio>> Acesso em: 26 mar. 2024.

para diferentes direções, e ainda assim guiando para onde o leitor deveria ir. O exemplar que adquiri é de 2010 e seu sumário tem um design que remete a tecnologia dos computadores dos anos 2000, trazendo assuntos diversos sobre o mundo, a tecnologia, ciência, televisão, história e outras coisas. Tudo numa linguagem simples e interessante de classificação livre, garantido a leitura para as crianças de todas as idades. Ao analisar sinto que a revista tinha um método de passar uma nova informação para uma criança de uma forma alegre e divertida e fazê-la se sentir mais inteligente por estar aprendendo sobre aquele assunto. Além disso, há várias páginas interativas para fazer a “festa” do leitor, manuais para jogos e brincadeiras, passatempos, jogos, tirinhas, entre outras atividades estimulantes. Então, percebi o que me prendia a essa revista na minha infância, o estímulo.

O estímulo causado pelas inúmeras cores, imagens, textos e atividades que poderiam fazer uma criança passar horas distraída com aquelas folhas. Esse choque de estímulos me faz refletir na situação atual, de 2024, onde o mar de estímulos visuais prendem crianças, jovens, adultos e idosos em redes sociais e aparelhos eletrônicos, a fim de fazê-los consumir seus conteúdos por mais tempo possível. Me questiono se desde aquela época fomos afogados por estímulos visuais para nos distrairmos e nos entretermos a todo o momento, assim como é os dias de hoje.

Quando apresentei a *Recreio* para as crianças do curso de graffiti, elas também se impressionaram com a quantidade de coisas aleatórias e coloridas na revista, mas pareciam perdidas para definir o que queriam ler e o que era tudo aquilo, passando folha por folha sem se prender diretamente ao assunto sendo abordado em cada página, ansioso para chegar no final. Quando comecei a direcionar para as atividades que a revista trazia, como o jogo dos 7 erros ou o “Cadê”, a atenção ficou mais focada e elas puderam se divertir com as atividades. Os levei até as páginas de curiosidades e de piadas e então elas puderam vislumbrar o que a revista poderia proporcionar a elas, e foi aí que entendi que sem uma ordem que possa transmitir a informação de forma mais guiada e clara, as crianças irão se perder na leitura, se distrair com facilidade e abandonar o material que têm em mãos.

A revista *Lata Cheia*, se propõe a achar o equilíbrio entre o estímulo e a informação. Desejo que ela tenha atividades e histórias que possam prender a atenção dos leitores, que seja fácil de encontrar a informação que se propõe a passar. Diferente da revista *Recreio*, a *Lata Cheia* pretende focar em um tema mais específico e expandir a informação em torno do assunto, ter menos choques visuais e demonstrar mais harmonia e propósito em suas páginas. No entanto, assim como a *Recreio*, pretendo criar interação e participação com o leitor, entregar passatempos e atividades divertidas, informações com textos fáceis de ler e fazer o “casamento” entre a diversão e o conhecimento.

3.1.3 Turma da Mônica (Livro educativos)

A referência mais óbvia para falarmos de almanaques destinados ao público infantil no Brasil é as revistas da Turma da Mônica. Por mais de 60 anos as histórias escritas por Mauricio de Sousa (1935) sobre o cotidiano da pequena Mônica e seus amigos do bairro do Limoeiro fazem parte do imaginário brasileiro. Suas HQs são como a porta de entrada mais próxima para a literatura e para a expansão da imaginação das crianças, com suas histórias que refletem os momentos e as referências da realidade infantil do nosso país.

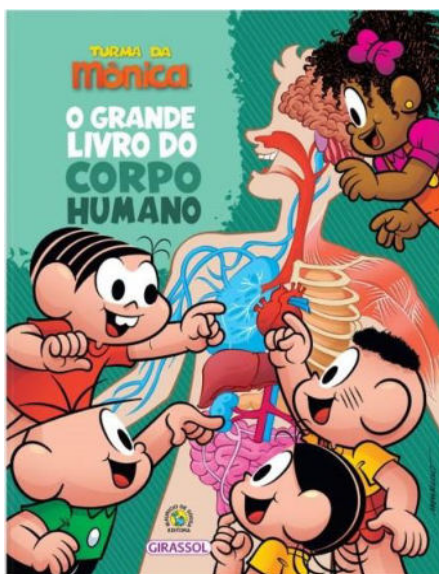


(Imagem 15: Capa de uma edição do Almanaque Turma da Mônica)

Para esse trabalho, voltei para este universo literário assim como fiz com a revista *Recreio*. A memória sobre as gibis e o que eu esperava encontrar neles ainda eram as mesmas que me lembrava: histórias divertidas, cotidianas, infantis e com a sutileza de ensinar sobre a realidade para o seu leitor. Porém, não encontrei exatamente o que buscava nos *Almanaques Turma da Mônica*. Tais publicações não possuem um caráter informativo ou educacional como se espera quando pensamos ou falamos de almanaque. Eles se apresentam como um gibi igual a qualquer outro da série, porém, com um adicional, isto é, trazem um caderno de atividades interativas para o leitor, como caça palavras, labirintos entre outras.

Em minha memória, tinha a certeza que havia um material editorial que possuía um objetivo de educar crianças sobre um determinado assunto e foi então que encontrei o os livros *Turma da Mônica* da Editora Girassol. A maior parte dos materiais editoriais da Mauricio de Sousa Produções é distribuída pela Editora Panini, mas os materiais voltados a um conte educativo, cultural e informativo são da Editora Girassol,

onde em seu site é dito que ela “.... nasceu com o objetivo de levar a crianças e jovens leitores livros com altíssima qualidade editorial e gráfica, que pudessem despertar o interesse pela leitura, além de também proporcionar momentos de diversão”. Adiante, complementam que “... a Girassol Brasil publica obras educativas e interativas, como contos de fadas, fábulas, literatura infantil e de estudo e pesquisa”¹². E foi por meio dela que encontrei o estilo que procurava para levar a informação para os meus leitores. Entre as várias opções de literaturas da Turma da Mônica disponíveis no site da editora Girassol, escolhi examinar um livro que parecia ter uma proposta mais próxima do que se espera de almanaque ou um livro voltado a informar, e esse livro escolhido foi “O Grande Livro do Corpo Humano”.



(Imagem 16: Livro Turma da Mônica - O Grande Livro do Corpo Humano)

Em seu texto introdutório que se encontra na marca página do livro, ele se define dizendo, “Este livro é um verdadeiro manual do proprietário, que explica como cada parte funciona - desde os cabelos lá na cabeça até as unhas nas pontas dos pés. Mônica, Cebolinha, Magali, Cascão e Milena estão em todas as páginas junto ao leitor, nessa viagem pelo corpo humano. O texto é informativo, de fácil compreensão, claro e objetivo.”. Ao folheá-lo começo a me sentir impressionado, como se estivesse entrando numa enciclopédia muito completa e de fácil assimilação, sem a necessidade de ser ou parecer academicista, mas com imagens e assuntos interessantes para tratar de uma área de ciências humanas. O trabalho infográfico desse livro aborda assuntos científicos através de uma organização hierárquica das informações que usa de um título abrangente atrativo para levar o leitor por uma explicação científica clara, que utiliza de imagens, ilustrações, personagens, cores, blocos e símbolos para gerar graça ao aprendizado, divertir e prender o leitor numa leitura gradativa. Todas essas

¹² **Girassol**. Disponível em: <<https://www.lojagirassolbrasil.com.br/sobre-nos>> Acesso em: 29 mar. 2024.

estratégias são usadas para ajudar o leitor a descobrir o desenvolvimento do corpo humano, sobre a alimentação, práticas saudáveis para a calibragem e sustento do corpo e o funcionamento dos órgãos e partes do corpo. Além disso, nas últimas páginas se encontra um glossário para ajudar as crianças com o significado de algumas palavras do campo de estudo do livro que talvez não tenham sido apresentadas ainda para elas e um índice que leva para as páginas onde cita tais palavras. Sua classificação no site indica que é recomendada para crianças de 8 a 10 anos e foi uma das literaturas infantis mais interessantes, criativas e completas que já pude ler.

Para a Revista *Lata Cheia* tentarei levar a informação de uma forma tão completa e bem usada como foi posta nesse livro. Saber usar as imagens e personagens para ajudar o leitor a compreender os diversos assunto que podem ser tratados sobre a cultura da Arte Urbana, que seja um material capaz de gerar zelo do leitor por com a revista e que ele possa sempre querer retornar a ela para lembrar o que foi dito em suas páginas e que assim a *Lata Cheia* possa ser uma peça fundamental do ensino e incentivo às práticas artísticas, sejam o graffiti ou qualquer outro forma de criar arte que possam vir a ser despertada com a leitura da revista.

3.1.4 Revista *Rap Brasil* e Revista *Graffiti*

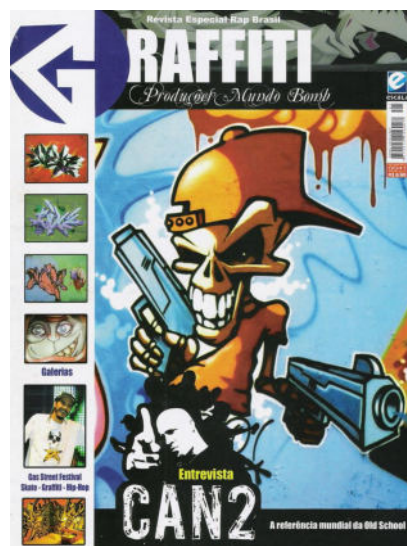
A disseminação da cultura *hip hop* e a cultura do graffiti nos anos 90 e 2000 estava muito presente em forma de revistas próprias para o nicho. Dentre as inúmeras opções de revista, começo me aprofundando na revista *Rap Brasil*. Criada pelo ilustrador Alexandre de Maio (1978) no final dos anos 90, a revista se tornou na época o que podemos definir como a rede social do *hip hop* antes da *internet*. Durante cerca de 10 anos, a publicação cumpriu a função de informar tudo que era possível do movimento da cultura *hip hop* no Brasil, de notícias a eventos, de personalidades a novos talentos. O projeto era muito apoiado e importante para a cultura numa época de amadurecimento em solo nacional e onde grande parte da comunidade do *hip hop* se recusava a se misturar, isto é, ter sua imagem vinculada às grandes mídias, como a televisão ou jornal, mas que apoiaram um editorial de alguém que tinha as mesmas raízes. Através da revista, os cenários regionais da cultura *hip hop* pelo país poderiam se conectar e compartilhar suas histórias, novos artistas entre MCs, DJs, *Breakers* e Grafiteiros puderam ver seus trabalhos sendo descobertos através das bancas de jornal. Entre fotos, entrevistas e anúncios, a revista *Rap Brasil* entrou para a história reunindo no ato a evolução da cultura *hip hop* nacional em 115 edições que hoje estão no acervo pessoal de Alexandre de Maio e no o Arquivo Edgar Leuenroth (AEL), da Universidade de Campinas (Unicamp)¹³.

¹³ DA PONTE, Gil Luiz Mendes. Rap Brasil: A histórica revista agora é peça de museu. **Portal TERRA**, Visão do Corre, Rolê de Quebrada. Disponível em:

Ao folhear a revista podemos encontrar o anúncio de novas músicas do *rap* carioca, dançarinos de *break* contando a respeito de seu trabalho, o resgate da juventude periférica do sudeste, o movimento do graffiti da região nordeste, o envolvimento de toda a cultura no Brasil. De entrevista a entrevista podendo conhecer a vida, a história, o conhecimento e a técnica de um MC, ou DJ, ou dançarino ou grafiteiro. Era o canal de informação do *hip hop* antes da exploração das redes sociais e da democratização do acesso à *internet*. E não demorou muito para cada espectro do movimento ganhar seu próprio material, o graffiti também contou com uma revista totalmente dedicada a ela, e, em vista disso, também mergulhei na revista *Graffiti*.



(Imagem 17: Revista Rap Brasil)



(Imagem 18: Revista Graffiti)

Lançada pelo artista Binho Ribeiro (1971), por volta do ano 2000, a revista também tinha como objetivo unir as cenas do graffiti ao redor do país, uma revista de 78 edições e que produziu mais de 35 mil cópias foi por muito tempo um sonho do artista poder ver seu graffiti publicado nas páginas da revista. Nela não se encontrava apenas as entrevistas com artistas como era na *Rap Brasil*, mas também uma vasta coleção de fotos de trabalhos nacionais e internacionais do graffiti, mostrando novas técnicas, estilos e tendências, a cobertura de reuniões, mutirões e eventos que aconteciam, grupos e artistas movimentando a cena da cultura e materiais interativos como posters de painéis de graffiti a folhas com fotos para o leitor customizar com canetas.

Agora, na era digital, é muito raro encontrar um material gráfico como esse sendo produzido, o mais recente que tenho contato é a *Revista Fundamento*, produzida pelo Fábio Xastre, o FX, e Fábio Tenório, o Birta (1977), no Rio de Janeiro.

<<https://www.terra.com.br/visao-do-corre/role-de-quebrada/rap-brasil-a-historica-revista-agora-e-peca-de-museu.88e9329bdbc708d838a569c49dc34147wmhk4tg8.html>> Acesso em: 29 mar. 2024.

Lançada em 2022, possui 3 edições, as quais se comportam como um espaço para reunir os trabalhos mais recentes da cena do graffiti em um material impresso destinado aos praticantes¹⁴. Dessa forma, o conteúdo é feito para que eles possam colecionar e sentir como era ter seu trabalho impresso. Nela se encontra uma a duas entrevistas de artistas mais consagrados e muitas, mas muitas páginas mesmo, de fotos e trabalhos de graffiti divididas por estilos e técnicas. E foi por meio dessas páginas que vi os olhos das crianças brilharem. As crianças que estão entrando na cultura *hip hop* agora carecem de referência visual para conhecer as artes urbanas mais atuais. Em vista disso, consegui perceber que essas amostras de diferentes graffiti e diferentes estilos despertam muito a curiosidade e prendem a atenção para a revista.

Concluo então pegando como base dessas revistas o seu material visual e seu material interativo. A *Lata Cheia* quer ter e ser uma fonte rica de referências das Arte Urbana em suas páginas, com fotos diversificadas, posters, passo-a-passo para diferentes técnicas aplicáveis nos muros. Às vezes, até mesmo entrevistas com uma linguagem mais curta e simples para o público alvo, sendo um modo de saber quem fez e faz a cena se manter viva, em movimento. Igualmente, é valorizada a interatividade entre a revista e o leitor como páginas para pintura a caneta e stickers colecionáveis e customizáveis.

3.2 Criando a *Lata Cheia*

3.2.1 O Nome

Para um comunicador visual, profissional que mantém o hábito de buscar novas referências para criar imagens e exercer a criatividade, ter ideias não é difícil. Imaginar seu formato, criar expectativas quanto ao resultado e as várias possibilidades, é incrível. Escolher um nome, batizar um produto, se mostra a melhor parte desse processo, uma vez que a ideia passa a exprimir uma mensagem de forma mais sólida. Encontrar a palavra certa para definir a identidade de um projeto é o que mais me entusiasma, é como uma porta de entrada, algumas letras que dizem muito e abrem um mar de interpretações sobre o que pode significar aquele nome. Quando damos um nome, identificamos, mas também o diferenciamos de tudo o que ele não é.

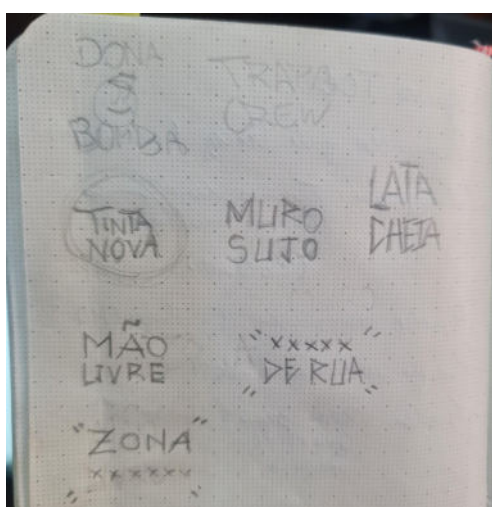
O projeto *Lata Cheia*, desenvolvido no contexto do trabalho de conclusão de curso (TCC) do bacharel em Comunicação Visual Design, na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tem por objetivo geral criar um material literário e didático para crianças, adolescentes e jovens, especialmente aqueles que residem em territórios periféricos do Rio de Janeiro. O conteúdo do material visa

¹⁴ **Revista Fundamento**. Disponível em: <<https://www.fundamentograffiti.art.br/>> Acesso em: 29 mar. 2024.

apresentar a Arte Urbana por meio de histórias, informações, técnicas, dicas e diversão. Feito o recorte temático e do objeto, passei a me questionar que jogo de palavras poderia sintetizar isso tudo? Como chegar em um nome?

A ideia surgiu no dia 12 de março de 2024, voltando para casa após um dia de trabalho, no trem Parador, na Central do Brasil. Como o meu celular estava descarregado, foi o momento e lugar perfeito para ativar a criatividade. Eu, o papel, a caneta e a viagem caótica do transporte público. Comecei a lançar palavras, despretensiosamente, que poderiam fazer sentido para o meu foco principal, o graffiti. Uma por uma foi fazendo ligações entre um substantivo (objeto, item, coisa) com um adjetivo (um detalhe específico) tentando achar o “casamento” entre os sons e as possibilidades. Vieram nomes como “Mão Livre” (a liberdade criativa, a experiência posta a prova, os testes e ideias), “Muro Sujo” (a transgressão, porém, sujo como uma criança que começou a pintar, as garatuñas, sujo com as novas ideias dos novos grafiteiros), “Tinta Nova” (algo feito recentemente, o começo, o novo, o novo no graffiti, a criança começando no graffiti, uma nova geração), mas o que mais mexeu com meus ouvidos e minha mente foi o nome “*Lata Cheia*”.

Tente falar três vezes (3x) rápido: *Lata Cheia. Lata Cheia. Lata Cheia. Lata Cheia* tem som de rua. A lata tem muita tinta pra usar, é novinha, pronta para o trabalho. A lata está com bastante “gás” para fazer as artes tomarem forma. A revista *Lata Cheia*, resultado gráfico desse projeto, é cheia de informação, de ideias e novidades para seus leitores e praticantes do graffiti. Cheia de fotos, cheia de atividades, cheia de cultura, cultura de rua. Cheia no sentido mais positivo da palavra, cheia em quantidade, mas também em qualidade.



(Imagem 19: Rascunhos para a logo da Revista *Lata Cheia*)



(Imagem 20: Logo final da Revista *Lata Cheia*)

3.2.2 Personagens

Os personagens tem a função de carregar a simbologia e o significado do projeto da revista, trabalhar com os leitores a fim de conduzir os enredos das histórias, guiar nas atividades e serem um ponto de assimilação para que as crianças e jovens possam se encantar e se encontrar nas características que possuem, sejam elas físicas ou emocionais, e experiências que eles passaram e ainda vivenciam. Para essa tarefa, entram em cena os irmãos Anne e Bigui, os protagonistas da *Lata Cheia*.

A primeira personagem é a irmã mais velha Elianne Freitas, uma jovem preta de 13 anos de idade, que por ser a irmã mais velha tem a missão de ser um exemplo e ser protetora com o seu irmão. Em vista disso, buscou o conhecimento e a sabedoria para assumir as responsabilidades e tomar as decisões corretas, principalmente quando se aventuram pelas ruas para fazer seus grafittis. Seu sorriso curto e olhar calmo são traços de seu jeito tranquilo e paciente. Às vezes, frente a determinadas situações, torna-se um pouco marrenta, mas assume essa postura para agir com força e manter o controle do seu ambiente à volta. A sua personalidade a levou a ter um olhar mais detalhista e profundo nas artes que faz, seus murais realistas e orgânicos de pessoas, animais e plantas fazem saltar os olhos de quem passa, gerando emoções por onde deixa a sua arte. Sendo assim, decidiu assinar seus trabalhos como ANNE, além de ser uma parte de seu nome verdadeiro, Elianne, ela escreve de forma ambígua que ao ler parece ter escrito a palavra AME, como uma mensagem a mais que é deixada junto as suas obras, um convite para lembrar de amar mais. Ame mais.

O segundo personagem é Gibson Mendes, um menino preto de 10 anos, mais novo, mais “atentado”, mais ousado, porém, também mais baixo. Ele tem uma estatura menor que os demais garotos de sua idade e isso o afeta tanto a ponto de tocar sua personalidade. Tudo com ele é grande, muita energia, ideias grandes, muita astúcia e ousadia, o que reflete bem em seus murais de letras de graffiti que buscam ser grandes, seus detalhes podem variar, mas de busca usar todo espaço que tem disponível, para assim conseguir provar a todos e para si mesmo que ele é grande, um grande artista de rua. Por isso assina seus murais com o vulgo de BIGUI, uma brincadeira com as primeiras letras do seu nome G I B escritas ao contrário e fazendo uma menção da palavra BIG, que significa “Grande” em inglês, mas escrita de um jeito mais abrigado, que o levou adotar BIGUI como assinatura¹⁵.

¹⁵ Criada na década de 1970, no contexto da Ditadura Militar, a língua do TTK consiste em pronunciar as palavras invertendo a ordem das sílabas. Trata-se de um dos dialetos criptográficos mais conhecidos no Rio de Janeiro, apropriado e dominado por pixadores como forma de se comunicar e ao mesmo tempo se proteger. O nome de ANNE e BIGUI se utilizam se recurso linguístico parecido, mas não idêntico.



(Imagem 21: Rascunhos dos personagens)

Os irmãos têm um contraste de personalidade muito perceptível, podendo gerar aventuras e confusões, ao mesmo tempo que eles existem como uma balança que equilibra e ajuda no desenvolvimento um do outro. Assim, de forma coletiva, eles vivem uma série de aventuras e criam belos murais por onde passam.



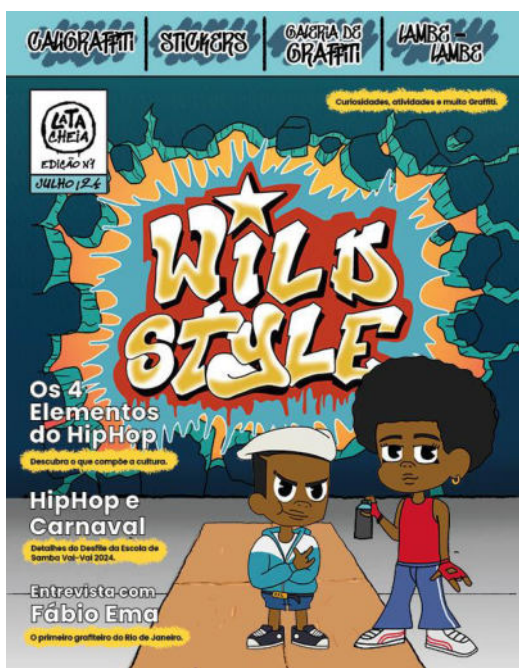
(Imagem 22: Arte Final dos Personagens Anne e Bigui)

3.2.3 Capa e Contracapa

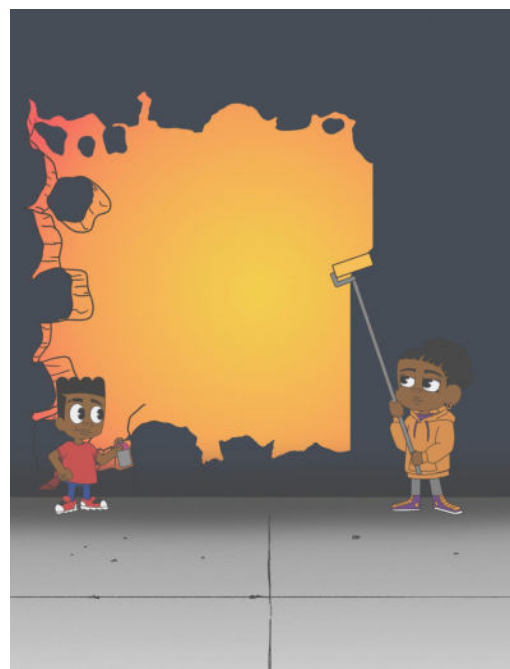
Nessa primeira edição (nº 1), tenho como principal meta trazer as “informações iniciais” sobre a cultura Hip Hop para o meu público-alvo, visto que irão encontrar pela

primeira vez a *Lata Cheia*, uma publicação até então inédita e desconhecida. Para criar a capa foi usada como referência o poster icônico do filme *Wild Style* (1983), um dos primeiros filmes a explorar o tema da cultura Hip Hop, que na época estava começando a se consolidar e ter a sua popularidade. A partir dessa referência, que se destaca e está centralizada na capa, vemos pela primeira vez os personagens Anne e Bigui, que não só interagem como também usam roupas que também fazem alusão ao *poster*.

Já na capa é possível encontrar as três fonte tipográficas que farão parte da estrutura de textos de toda a revista, a fonte *Spray Sister* para os usos diversos da marca *Lata Cheia* e a numeração das páginas (tamanho 6), fonte *Don Graffiti* para os títulos, sumário e temas abordados na revista e a fonte *Poppins* para títulos de matérias na capa, texto iniciais (os dois em tamanho 12) e textos corridos (tamanho 10). A parte superior da capa é uma região de destaque com cores análogas ao tema principal da arte da capa, onde está reservado para as atividades e materias que serão mais frequentes dentro das revistas *Lata Cheia*, como as páginas de Caligrafiti, Stickers, Galería de Graffiti, Lambe-lambes, Stêncil, entre outros. Os personagens estão posicionados no centro para a direita, na coluna da esquerda estão os assuntos destaques da edição e que serão atualizados nos números consecutivos. Atrás da capa, a guarda tem uma arte que mostra o início do processo de criação do graffiti *Wild Style* feito pelos personagens Anne e Bigui, que tem sua continuidade na segunda guarda atrás da contra capa. A contracapa é uma continuação da calçada onde Anne e Bigui fizeram o graffiti do *Wild Style* e mostra a grande marca da *Lata Cheia* em uma próxima a parede, dando uma sensação de marca d'água.



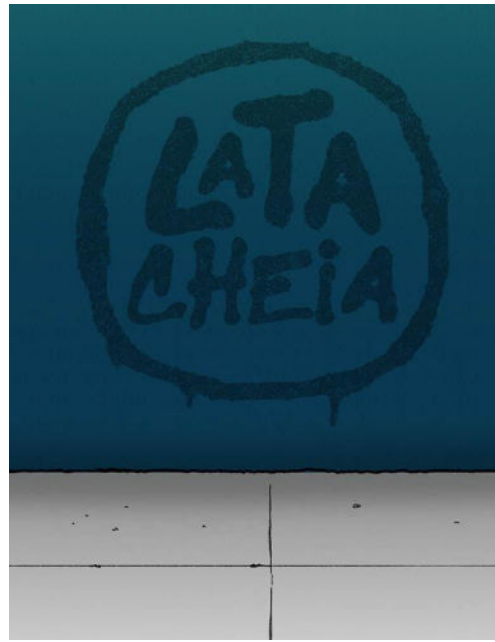
(Imagem 23: Capa Revista *Lata Cheia* 1ª edição)



(Imagem 24: Guarda 1 da Revista *Lata Cheia* 1ª edição)



(Imagem 25: Guarda 2 da Revista *Lata Cheia* 1º edição)



(Imagem 26: Contra-Capa Revista *Lata Cheia* 1º edição)

3.2.4 Sumário

A página de sumário tem como objetivo entregar a informação completa e organizada do que será encontrado dentro da revista em sua ordem de páginas, é uma forma orientar o leitor. Para entregar essa informação escolhi usar um estilo de arte informativa muito comum de se encontrar nas ruas: os anúncios em lambe-lambe. Frequentemente o recurso é adotado para divulgar shows, eventos, serviços e até mesmo informar sobre um assunto específico. O anúncio principal traz os assuntos da revista como uma arte que relembra as mesmas artes da capa e das guardas, que está colada em uma parede ondulada de alumínio comum em canteiros de obras. Para as próximas edições, imagino manter a ideia do lambe-lambe mas em outros ambientes urbanos, como tapumes, paredes, entre outros suportes que permitam a aplicação do recurso gráfico. Em volta do sumário há referências visuais de assuntos que serão abordados na revista, como a arte do desfile da Escola de Samba Vai-Vai e a foto e o graffiti do artista Fábio Ema.



(Imagem 27: Sumário Revista *Lata Cheia* 1ª edição)

3.2.5 Os 4 Elementos do Hip Hop

A parte referente aos 4 elementos do Hip Hop inicia na página 4 e finaliza na página 9, é inspirada na forma criativa e interessante frequentemente adotada para se comunicar com o nosso público-alvo, como era feito revista *Recreio*, por exemplo, junto a informação relevante e séria, como era o caso das revistas *RAP* e *Graffiti*, sendo referências básicas para a nossa própria criação. Ela começa com uma tirinha que apresenta os 4 elementos do Hip Hop – o MC o DJ, o Breakdance e o Graffiti –, usando cores contrastantes acompanhadas de personagens que ilustram cada tipo de elemento. No final, a tirinha entrega a informação que unidos esses são os pilares que formam a cultura Hip Hop, grafitado no muro cinza. Tal conteúdo está no background, das páginas 4 e 5, acompanhado por Anne e Bigui finalizando o graffiti, inspirado pelas interações dos personagens da *Turma da Mônica* vista nos livros educacionais da editora *Girassol*. A participação dos personagens será frequente na revista, como parte integrante e fundamental para a apresentação do conteúdo.

Na página 5 se encontra o princípio do movimento do Hip Hop, contando como tudo começou, uma festa urbana no bairro do Bronx, em Nova Iorque, nos EUA, nos anos 70. Por meio dessa atividade, capitaneada pelos irmãos Campbell, se deu a criação de um novo estilo musical. O recorte também contempla a promoção da luta e resistência dos grupos periféricos, tendo como lema “*paz, união, amor e diversão*”, criado pelo grupo Zulu Nation. Para ilustrar a página, adicionamos fotografias de uma das festas, dos irmãos Cindy e Clive Campbell, o convite original da festa que eles fizeram e, por fim, o personagem Bigui vestindo uma jaqueta da Zulu Nation.

As páginas 6 e 7, por sua vez, apresentam as figuras do MC e DJ, que é crucial estarem juntos porque nesse momento é abordado o estilo de música conhecido como *rap*. O *background* das páginas são os mesmos de cada elemento da tirinha, elas se conectam por um disco de vinil centralizado, que une uma parte a outra. A página 6 começa explicando o que é o *Disc jockey*, o DJ, revela que os primeiros que marcaram a história do movimento, junto a 3 fotografias, uma de cada DJ diferente. Em seguida, o conteúdo se volta para a inovação musical criada pelos DJs, a técnica patenteada de produzir novos sons e, por último, ensina o significado de alguns termos comuns entre esses profissionais. Na página seguinte, temos a explicação do que é o Mestre de Cerimônia, o MC, e como unido ao DJ criam o *rap*. Igualmente, fala como o Hip Hop salva vidas e educa, revela quem são / foram os primeiros *rappers* brasileiros e oferece uma seleção de álbuns clássicos desse gênero, tanto nacionais quanto internacionais. A seleção contempla produções que são historicamente relevantes e marcantes para a cultura Hip Hop, mas também que reflete o gosto pessoal de quem fez a lista, como uma recomendação ou orientação de um especialista, que mostra o caminho por onde alguém deve iniciar para conhecer os grandes destaques do meio. As informações são acompanhadas de um graffiti que retrata Tupac Shakur, como se fosse um trabalho feito pela Anne, além da fotografia de capas de dois álbuns, *Sobrevivendo ao Inferno*, do grupo Racionais MC's e *The Miseducation of Lauryn Hill*, da artista Lauryn Hill, ambos indicados pela revista *Lata Cheia*.

As páginas 8 e 9, como nas páginas anteriores, possuem um *background* como está na tirinha, assim como tem um trem grafitado que gera a ligação entre as duas páginas. A página 8 explica o que é o *breakdance*, o *b-boy* e a *b-girl*, como foi através da dança que o Hip Hop chegou no Brasil, como o brasileiro inovou esse estilo de dança, e que agora, no ano de 2024, se tornou um esporte olímpico. Junto a isso, na mesma página, temos a imagem do pôster do filme *Wild Style*, de 1983, contando que é um dos primeiros filmes produzidos sobre a cultura Hip Hop, mencionado com frequência quando o assunto é remontar a história do movimento e seu impacto na mídia. A página 9, por sua vez, começa explicando o que é o graffiti, a sua definição, conta a respeito do início desse estilo de arte, como chegou em nosso país, a diferença que possui em relação à pixação. Considerando a relação dos graffitis com os trens de Nova Iorque, o recurso iconográfico é usado para interligar as páginas, como mencionado anteriormente, de modo que os personagens Anne e Bigui aparecem interagindo com o meio de transporte. Ela se encontra na parte interior, ocupando a página 8, e ele, por seu turno, na parte externa, em cima, como um surfista de trem, prática recorrente nos anos 90 no subúrbio do Rio de Janeiro, na página 9.



(Imagem 28: Páginas 4 e 5, Tirinha e O Hip Hop)



(Imagem 29: Páginas 6 e 7, DJ e o MC)



(Imagem 30: Páginas 8 e 9, BreakDance e o Graffiti)

3.2.6 Caligraffiti



(Imagem 31: Páginas 10 e 11, Introdução ao Caligraffiti e letras de A a J)



(Imagem 32: Páginas 12 e 13, letras de K a T, letras de U a Z e o quadro branco)

A hora do Caligraffiti é uma ideia baseada nos antigos livros de caligrafia escolar, porém, com um design próprio criado para a revista *Lata Cheia*. O principal objetivo dessa atividade consiste em ajudar as crianças a ilustrar e criar suas primeiras letras de grafite, as quais possuem formas e desenhos que, muitas vezes, são complexas de se entender, principalmente para alguém iniciante. A página 10 explica o nosso objetivo, apresenta as letras do alfabeto em formato de grafite escolhidas para a edição e também um passo a passo de como proceder nesse exercício, indo da página 11 até a 13. As letras são uma arte original do artista urbano Luan Borgo, de São Paulo, que criou e ofereceu a fonte tipográfica para essa e para futuras edições da revista *Lata Cheia*. Nas páginas 11, 12 e 13 se encontram quadros em branco com cada letra do alfabeto separada, pontilhada e com espaço para ser replicada logo em seguida. No final da página 13, aparece um quadro em branco para que o leitor possa criar uma arte / frase baseada nas letras que ele treinou nas páginas do caligraffiti.

3.2.7 Anne e Bigui

A página 14 é inteiramente dedicada em apresentar para o público leitor quem são os personagens vistos de forma recorrente até aquele momento. Nessa página, é possível conhecer Anne e Bigui, os nossos protagonistas. Seus nomes e informações pessoais revelam características de suas personalidades e as ligações existentes entre os dois. Também há um destaque para os estilos de graffiti que se dedicam e no fim da página uma interação, isto é, a representação de ambos com a mão na lata, grafitando suas artes.



(Imagem 33: Página 14, Anne e Bigui)

3.2.8 Stickers

As páginas de *stickers* estão entre a 15 e a 18, ou melhor, é uma folha solta, que segue a numeração, porém, não integra a costura da publicação. Conhecido também pelo nome em português de adesivo autocolante, uma de suas características é o formato variável. Aqui, na revista, a ideia consiste em estimular a coleção e a customização. Trata-se de uma estratégia de interação com os leitores, que podem considerar tanto um brinde, visto os *stickers* originais da logo *Lata Cheia* e dos personagens Anne e Bigui, mas também um espaço reservado para criar e espalhar sua arte a partir do material disponibilizado. Enquanto o primeiro estimula a coleção, o último, por estar em branco, incentiva a customização. Quem não quer ver a sua arte por aí, colada em muros, bancos, acessórios, etc? É um modo de fazer a imagem circular, ou melhor, de ir ao encontro de pessoas.



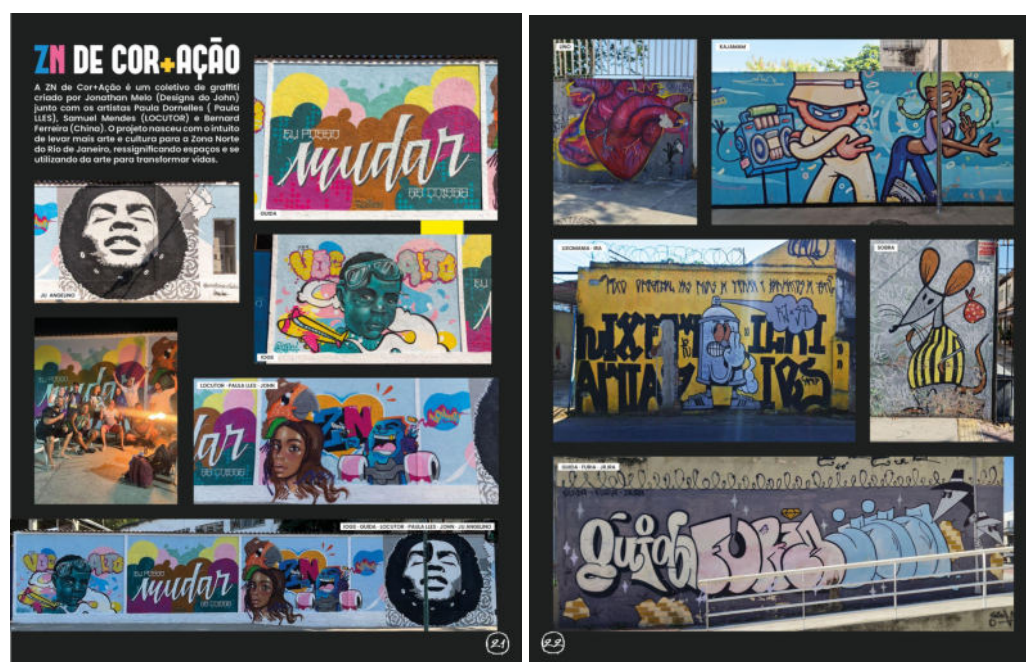
(Imagem 34: Página 16 e 17, stickers da revista)

3.2.9 Galeria de Graffiti

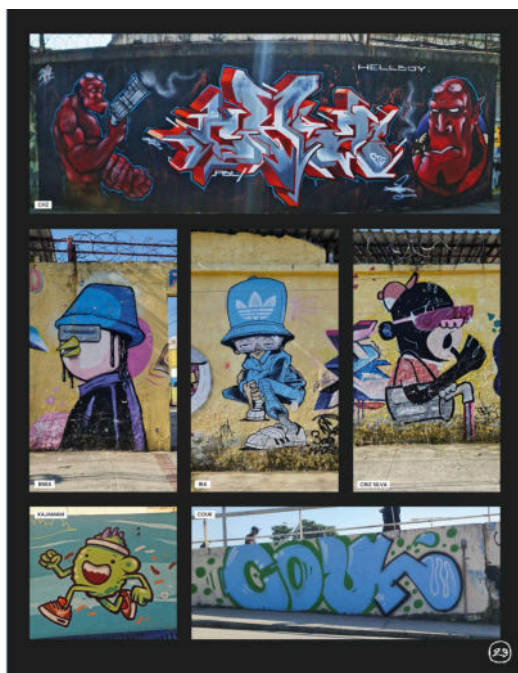
Inspirado nas páginas de fotografias da revista *Graffiti ou Fundamento*, a Galeria de Graffiti traz em 5 páginas, da 19 a 23, uma coleção de imagens em um fundo preto para destacar bem as cores de cada arte, de modo que os leitores possam conhecer novas artes e seus artistas, pois cada registro é acompanhada do nome do seu respectivo autor, foram escolhidos uma variedade de estilos e tipos de graffiti para o leitor ver as diferentes artes que ele pode conhecer e produzir. Iniciando com 5 fotografias de artistas e/ou grupos de graffiti, a página 19 explica qual é a proposta, assumindo a função de interlocutores da mensagem a ser passada ao leitor. Já as páginas 20 e 21 apresentam as fotografias de um evento de graffiti, um mutirão, organizado pelo grupo ZN de Cor+Ação, onde eles e mais 7 artistas convidados criaram um painel coletivo na Escola Municipal França, em Quintino, Rio de Janeiro, em 2023. E por fim, nas páginas 22 e 23, mais 11 fotografias de artistas e/ou grupos de graffiti.



(Imagem 35: Página 19 e 20, Início da Galeria de Graffiti)



(Imagem 36: Página 21 e 22, Galeria de Graffiti)



(Imagem 37: Página 23 última página da Galeria de Graffiti)

3.2.10 Hip Hop e Carnaval

As páginas 24, 25 e 26 são dedicadas a contar um pouco sobre o desfile de carnaval da Escola de Samba Vai-Vai, de São Paulo, no ano de 2024. A escolha está relacionada à homenagem prestada em razão dos 40 anos de cultura Hip Hop no Brasil. A página 24, como as demais, tem um *background* roxo para ficar análoga ao pôster que contém o tema explorado pela Escola de Samba. Ela apresenta o início da matéria, resumindo e sintetizando o que aconteceu, junto ao logo da Vai-Vai, imagem de divulgação do enredo e os personagens Anne e Bigui vestido a caráter para o desfile. É Carnaval! Na página 25, por sua vez, temos a continuidade e conclusão da matéria junto a fotografias que ilustram momentos da apresentação. Por fim, na página 26, além de mais registros visuais, como os carros alegóricos grafitados e os figurinos marcantes, apresentamos aos leitores o samba criado pela para o Carnaval de 2024, permitindo assim o acesso à letra e uma compreensão da narrativa adotada.



(Imagem 38: Página 24 e 25, Notícia da Escola de Samba)



(Imagem 39: Página 26, página samba enredo)

3.2.11 Entrevista com Fábio Ema

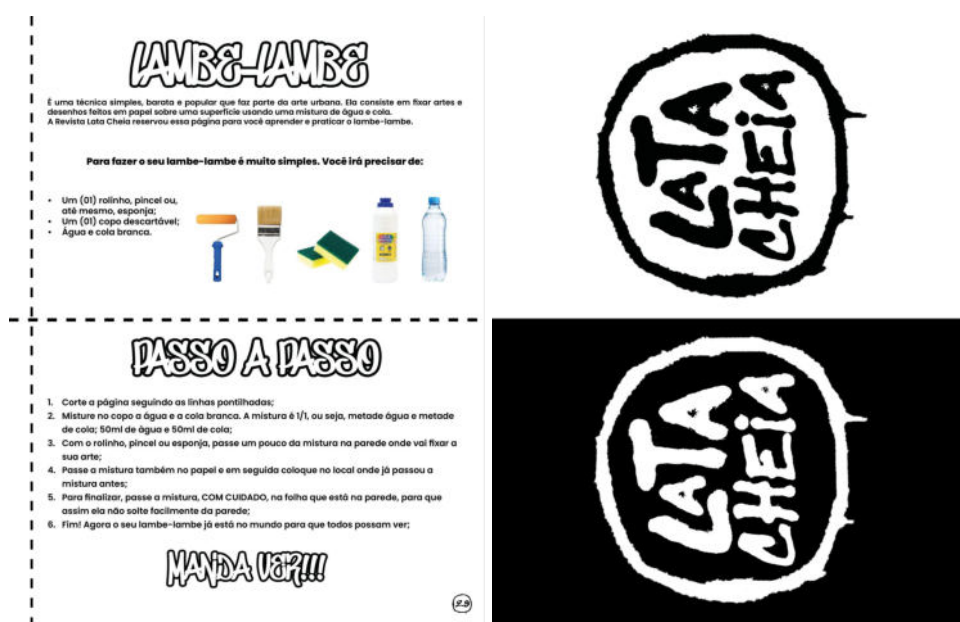
As páginas 27 e 28 são dedicadas a uma entrevista exclusiva com o artista urbano Fábio Ema, de São Gonçalo, município do Rio de Janeiro, sendo para muitos o precursor do movimento de graffiti em nosso estado. Nessa entrevista, cedida *online*, apresentamos por meio de uma comunicação descontraída o início, a trajetória e as suas conquistas junto a fotografias de seus trabalhos e projetos. Na página 27, o texto apresenta o artista urbano junto a um registro inicial, uma obra admirada pelos personagens Anne e Bigui, posicionado em cima de um tapete “Gentileza Gera

Gentileza”, uma referência visual em diálogo com a resposta que Fábio Ema deu em determinado momento da entrevista. O conteúdo também abarca as perguntas como: “Quem é o Fábio e por que o apelido EMA?” e “Quando e como conheceu o graffiti e começou a grafitar?”, todas devidamente respondidas. Na página 28, aparecem as perguntas “Como foi o início da sua caminhada no graffiti?”, “Qual foi o trabalho mais marcante de sua carreira?” e “Qual mensagem você pode dar para essa nova geração de grafiteiros?”, acompanhada de mais fotografias de suas obras e do seu projeto de arte-educação, a Fábrica de Arte e Cidadania (FAC).



(Imagem 40: Página 27 e 28, Entrevista com Fábio Ema)

3.2.12 Lambe-Lambe



(Imagem 41: Página 29 e 30, instruções e imagens para lambe-lambe)

As páginas finais, 29 e 30, são dotadas de outra atividade interativa: o lambe-lambe. Trata-se de uma folha única de frente e verso com um pontilhado indicando onde deve ser cortado com a tesoura. Na parte superior da página 29 há uma explicação sobre o que é o lambe-lambe e uma lista de itens com imagens dos materiais necessários para executar a técnica e como fazer para aplicá-la. Já na parte inferior, por seu turno, há um passo-a-passo disponível para que o leitor possa seguir as instruções e executar sua arte na mesma folha que foi recortada. Já o verso da folha, na página 30, possui duas artes preto e branco, contrastantes, com a marca da revista *Lata Cheia*, para que essa possa ser colada por aí, contribuindo para divulgação da revista.

4. Conclusão e Considerações finais

Com as artes, escritas, imagens e a diagramação da revista *Lata Cheia* tomando forma e se tornando esse projeto que já considero especial, realizo o exercício mental de voltar há um ano para recordar como chegamos a esse resultado. Quando tudo começou, eu só sabia que queria trabalhar em algo que tivesse como tema a arte do graffiti ou que pelo menos fizesse menção à sua prática. Quando sentei para conversar com meu orientador, ele me orientou a pensar em um projeto que pudesse trabalhar com as minhas habilidades de designer ou artista, um projeto em que eu conseguisse categorizar e dividir as técnicas e estudos que aprendi durante o curso e como poderia aplicá-los. Eu já possuía o desejo de criar algo mais físico, sair do *online*. Mesmo diante do fato de estarmos a cada ano migrando todos os nossos esforços e conteúdos para o meio digital, sei que nesse momento o acesso a *internet* e a tecnologia ainda tem seus limites e como um produtor de arte física e democrática como graffiti, não havia como fugir de um material físico.

Há um ano, quando dei o primeiro passo para o desenvolvimento do TCC, a ideia que eu tive consistia em disseminar a cultura e os conhecimentos da arte urbana, e para isso seria produzido um almanaque, um compilado de textos informativos sobre o graffiti, suas palavras, nomes, técnicas. A ideia surgiu das memórias de infância que eu possuía dos almanaques *Turma da Mônica*. Para mim, até onde consegui lembrar, eles tinham esses aspectos. No entanto, durante a pesquisa vi que era distante de um conteúdo informativo, no sentido educacional e escolar. Além disso, já não me parecia certo um produto literário que mesmo com um bom *design* talvez ainda fosse muito técnico para o público infantil que eu queria alcançar. Então, foi relembando e folheando exemplares antigos das revistas *Recreio* que compreendi o objeto, o formato e a abordagem que queria aplicar para esse projeto. Uma revista, formato de publicação que me era familiar, veio como resposta e resultou em toda essa jornada que foi descrita nos capítulos anteriores da monografia.

Me alegro em lembrar como os professores foram atenciosos em me contar suas experiências, a energia das crianças que tanto queriam aprender a mexer naquelas latas de *spray*, assim como eu era há 6 anos, por fora um homem, estudante desenvolvendo sua arte, que escondia a criança maravilhada e animada por dentro, escondida por uma capa de “adulto”, que não se permitia descobrir e explorar o que realmente gosta. Relembro a surpresa que foi a velocidade da resposta de Fábio Ema ao meu chamado para uma entrevista, que com toda humildade me ofereceu seu tempo, história, segredos e a amizade conectada pelas tintas que usamos para produzir nossas artes. Também fico muito alegre em poder contar com amigos de estrada e muros afora, ao Luan Borgo de São Paulo, que admiro demais suas artes e suas letras, e que se pôs disponível para fortalecer esse projeto de conclusão de curso. Percebo que a *Lata Cheia* não é somente um projeto do Samuel Mendes, vulgo Locutor, mas de muitas pessoas incríveis que doaram seu tempo e suas energias para

“encher a lata” que irá trazer cor, arte e inspiração para alguma criança ou que sabe até adultos em um futuro.

O digital está pronto e agora vamos pro papel. Foi pedido 10 unidades da revista *Lata Cheia* para a gráfica PRINTI, no tamanho 28x21cm, capa de papel couche brilhoso 150 gramas e 6 folhas de miolo com papel offset 120g com acabamento em grampo. O orçamento para cada revista, pedindo 10 unidades, ficou por R\$44,20. Se eu pedisse mais unidades, sairia mais barato, mas por enquanto a quantidade impressa se mostra o suficiente. A impressão do material junto a taxa cobrada pelo frete resultou em um investimento final de R\$465,00. Em outra gráfica, no Centro do Rio de Janeiro, encomendei 10 folhas de stickers tamanho A3, no valor total de R\$200,00, sendo um recurso necessário para complementar a revista, como foi apresentado anteriormente. Também vale lembrar que decidi fazer uma página solta para facilitar o manuseio dessa folha e assim os consumidores não correm o risco de danificar sua revista por acidente. No final, toda revista, com uma baixa tiragem, de dez exemplares, teve o custo de R\$765,00.

Com ela em mãos, me sinto emocionado e realizado por ver um projeto de 1 ano alcançando sua forma física, superando as expectativas iniciais. Ao tocá-la, deslizar meus dedos sobre o papel, sinto a nostalgia de pegar uma revista infantil como era na época das revistas *Recreio* e tantas outras similares que marcaram a geração que nasceu nos anos 90 e cresceu no começo dos anos 2000. Suas cores, textos e imagens me levam a mergulhar em um turbilhão de emoções e ficar ansioso para ver como meus 5 alunos, aqueles que participaram do *workshop*, reagiriam como resultado daquilo que eles participaram e me ajudaram a criar. Quando entreguei para cada uma deles, pude ver aquele brilho nos olhos quando se ganha um presente novo, tão esperado, tão desejado. Sorridentes, folhearam as páginas da *Lata Cheia* para ter sua primeira impressão da revista e elogiaram muito suas cores e desenhos, ficavam ainda mais animadas quando viam as páginas de caligraffiti, a galeria de graffiti, os *stickers* e o lambe-lambe. Eles amaram os personagens Anne e Bigui, de modo que foi possível identificar um carinho e apego logo de cara com os traços e personalidades dos personagens, podendo até se imaginar com eles, e como se fossem eles, dentro da revista. Notei que tinha muita atração pelas cores e design das páginas com texto, mas a leitura em si era rápida e não prendeu tanto a atenção. Já as páginas de caligraffiti, fotos, *stickers* e lambe-lambe foram paixão e euforia total para começar a praticar e usar suas folhas. Eles me disseram então que queriam ver mais dessas páginas e que também queriam mais opções para desenhar, como os próprios personagens, por exemplo, ou mais espaços em branco como a parte final da folha de caligrafia.

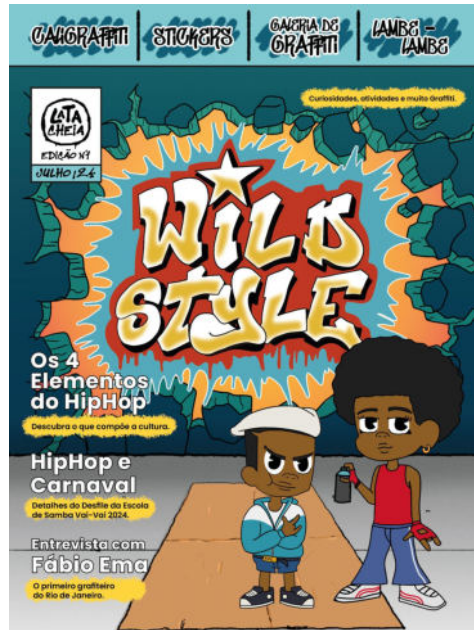
Com as considerações das crianças já consigo imaginar como podem ficar as próximas edições da revista. Os *stickers*, a galeria e o caligraffiti pretendo manter

sempre, com novas formas de letras, mais fotos com mais variedades de graffitis e novos desenhos de *stickers*. Adicionar páginas para colorir com espaços para desenhar graffitis, criar histórias para conhecer mais dos personagens e *posters* são ideias que as crianças queriam ver nas próximas edições. Penso também em diminuir os textos informativos para tópicos mais curtos e no máximo duas páginas, para uma informação ser mais rápida e atraente, abrindo mais espaço para as crianças fazerem atividades.

Um possível sumário para uma segunda edição poderia ser: Tirinha HQ inicial (pág.4) > Como são feitos os *sprays*? (explicando a construção e o funcionamento do *spray*) (pág.5) > Colorindo a Cena (uma imagem dos personagens Anne e Bigui interagindo para as crianças colorirem e um espaço para fazerem seus graffiti) (págs.6 e 7) > Caligrafiti (págs. 8 a 11) > O Graffiti e os trens (um texto mais preciso sobre o grafite e os trens de Nova Iorque, também com desenhos de trens para as crianças desenharem) (págs.12 e 13) > Segurança Sempre (texto explicando matérias de segurança para pintar como máscaras, luvas, aventais, etc) (pág.14) > *Stickers* (págs. 15 a 18) > Galeria de Graffiti (págs. 19 a 25) > Conheça o Grafiteiro (uma nova abordagem para apresentar grandes artistas do graffiti, sempre trazendo um novo artista, seus trabalhos e suas histórias) (págs. 26 a 27) > Stencil (uma nova atividade ensinando sobre a técnica do stencil e entregando um stencil para as crianças prepararem) (págs. 28 a 30).

Para esse projeto continuar será necessário recursos para produzi-lo, para isso eu planejo levá-lo adiante escrevendo e inscrevendo em editais de fomento à cultura, seja em categorias literárias ou educacionais, apresentar para órgãos educacionais do estado ou até mesmo a nível federal, para que esses possam conhecer o potencial do material e também, por fim, apresentar para editoras ou iniciativas privada que vejam a qualidade de investimento no produto. Não sei ao certo como poderei alcançar os recursos para dar continuidade para esse projeto, mas não desejo ver a *Lata Cheia* encerrando com a defesa do TCC. Acreditei e continuo acreditando no potencial educacional e para o movimento cultural de arte urbana que essa revista tem, e é por tudo que ganhei e vivi graças ao graffiti que desejo retribuir o que sei e que sou capaz de fazer para crianças e adolescentes das nossas periferias.

EXTRA: Imagens da Revista



O discjockey ou disc jôquei tem a função de controlar a música através de técnicas como os sound systems, mixadores (aparelhos que unem os toca-discos e sincronizam os vinis), e o scratch, que consiste na técnica de movimentar os discos no sentido anti-horário, o que faz com que o som seja arranhado.

OS PAIS DO MOVIMENTO

Nesta cena surgiram diferentes manifestações artísticas de rua: música, dança, poesia e pintura. Os DJs Afrika Bambaataa, Kool Herc e Grandmaster Flash, entre outros, observaram e participaram destas expressões de rua e tiveram a iniciativa de organizar festas nas quais estas manifestações podiam ser apresentadas ao público.

SAMIZÊ E INOVAÇÃO SONORA

Uma característica distintiva do Hip Hop é o uso extensivo de "sampling" - a prática de reutilizar trechos de músicas existentes, mas não apenas edições conhecidas, senões interessantes, mas também destaca a habilidade dos produtores em criar algo novo a partir de elementos familiares.

BREAKBEAT

Resultado da técnica de discotecagem utilizada pelos DJs de hip hop, Breakbeat se trata de uma técnica de mixagem em um ponto específico da música, produzindo uma música com um estilo de looping, uma nova interação com a música já existente. A técnica se popularizou pelos mãos de DJ Kool Herc, DJ Jamalo e DJ Afrika Bambaataa - NY.

Ser DJ é muito mais que colocar músicas para tocar, as possibilidades são infinitas. Então é hora de aprender alguns termos e técnicas para você entender melhor como funciona o mundo dos disc jockeys.

BACK SPIN

É manipular com as mãos a disco de vinil com força suficiente para que ele gire para trás e volte para um trecho específico da música.

MASHUP

Cancão ou composição criada a partir da mistura de duas ou mais canções pré-existentes. Normalmente é colocar o vers de uma canção em cima do instrumental de outra.

SCRATCH

Movimento anti-horário da agulha do toca-discos sobre o vinil que produz sons de fricção e de quebras, sempre ressaltando a cadência rítmica da música.

O Mestre de Cerimônia é o responsável pela experiência verbal/oral no movimento hip hop, que conduz a festa junto ao DJ, gerando assim o RAP.

O RAP (em rhythmic and poetry, pt: ritmo e poesia) é uma prática musical caracterizada pela improvisação poética sobre uma batida musical rápida, realizada por sons digitais, fazendo com que a expressão oral seja o elemento mais importante da música.

O HIP HOP SAUAI

O hip hop se tornou um fenômeno mundial não somente por sua manifestação artística, mas também pelo seu poder transformador na vida daqueles que necessitam de mudança. Foi através da cultura do jovem para se expressar sob os pilares que sustentam os quatro elementos da cultura.

OS PRIMEIROS RAPPERS BRASILEIROS

O primeiro álbum brasileiro exclusivo de rap foi o coletânea "Hip-Hop Cultura de Rua", lançado em 1988. Trata-se de um trabalho conjunto dos rappers como Thaide e DJ Hum, MC Jack e Cidinho 13, que ficaram conhecidos como lendas do Vinil. No ano seguinte, em 1989, foi lançada a coletânea "Consciência Black, Vol. 1", álbum que projetou um dos maiores grupos da história do rap brasileiro, os Racionais MC's.

HIP HOP E EDUCAÇÃO

Diversos projetos educacionais têm colocado o hip hop como uma ferramenta de aprendizagem. Através da arte de rimar e ritar, professores têm encontrado maneiras inovadoras de ensinar conteúdos complexos, tornando a educação mais acessível e interessante.

Agora, para você que já curte rap ou quer começar, separamos álbuns nacionais e internacionais, verdadeiros clássicos IMPORTANTÍSSIMOS.

AVANÇA O SOM PORQUE É RAP DO BOM

NACIONAL

Racionais MC's - Sobrevivendo no Inferno (1997)
Substância - Rap é Gengue (1999)
Jorge (L) - Guerra, Guerras (2005)
SOS E - Proverbios 13 (2006)
Tássia Reis - Prospera (2012)
Hip Hop Cultura de Rua (1988)

INTERNACIONAL

Lauryn Hill - The Miseducation of Lauryn Hill (1998)
Natorious B.I.G. - Ready to Die (1994)
Mase - The Confession (2004)
Wu-Tang Clan - Enter the Wu-Tang (1993)
Tupac Shakur - All Eyez on Me (1996)
Fugees - The Score (1996)

O breakdance também chamado de breaking é um estilo de dança urbana que representa um dos pilares da cultura hip hop. Segundo pesquisas, ele surgiu nas festas realizadas por Kool Herc e Grandmaster Flash, em 1972, no qual o DJ jamaicano botava as danças praticadas em suas festas de breaking. Nos anos 70, o estilo se difundiu globalmente, sobretudo pela forte presença em filmes e videocipes.

OS PAIS DO MOVIMENTO

O centro de São Paulo foi o local de encontro de grupos que se identificavam com o som e a mensagem do movimento de contracultura que crescia nos EUA. Por aqui, ele gerou curiosidade e identificação. Os interessados passaram a se reunir na Galeria 34 de Maio e na Estação São Bento para dançar breaking, ouvir as novidades vindas de fora e compartilhar referências. Nelson Tiburcio é uma das grandes lendas vivas da cultura do breaking e um dos frequentadores daquela cena que estava se formando. Outros nomes fundamentais da época foram Thaide e DJ Hum, que lançaram projetos importantes, como o álbum Parangolé e O Queimado, de 1989.

TEMPO BRASILEIRO

Se tem uma coisa que brasileiro tem é ginga. Os passos com nomes complicados, oriundos do inglês, como footwork e heelwork, foram interpretados com o nosso jeitinho. Hoje o Brasil é conhecido por movimentos únicos, muitos vindos da capoeira e do passinho, sendo o último uma dança que surgiu nos favelas cariocas e ganhou o mundo.

SELEÇÃO BRASILEIRA DE BREAKING

No final de 2021, a Comissão Nacional de Bateria Esportiva (CNBE) anunciou o primeiro Seletivo Brasileiro de Breaking da história, já de olho nas Olimpíadas de Paris 2024. São oito B-Boys e oito B-Girls que receberam treinamento técnico e médico, suporte médico, psicológico e de fisioterapia, que fazem viagens e participações em eventos internacionais.

Wild Style (1983)

foi o primeiro filme sobre o hip hop. A história narra o surgimento espontâneo da cultura de rua no Bronx, em Nova Iorque, EUA. Trata-se de uma verdadeira aventura no hip hop através de lendas como Fito e Freddy, o rapper Grandmaster Flash e o grupo Cold Crush Brothers. O filme também mostra o crescimento do graffiti, do break e do rap.

O graffiti é uma expressão artística que ocorre em espaços públicos e que junto a outros três elementos compõem a cultura do hip hop.

HISTÓRIA DO GRAFFITI

O início e a expansão dessa arte vem dos movimentos contraculturais de estudantes parisienses em maio de 1968, uma vez que esses jovens realizaram protestos políticos por meio de pinturas em muros. Mas foi nos EUA, mais precisamente nas periferias de Nova Iorque, que o graffiti ganhou a força para ocupar ruas e becos de todo o mundo. Na década de 70, em meio à negligência do Estado, falta de planejamento urbano e expansão da criminalidade, jovens passam a difundir uma nova linguagem artística.

GRAFFITI NO BRASIL

A contracultura se expressou também no Brasil por meio da arte. A cidade de São Paulo se tornou cenário de ocorrência do graffiti em meio à urgência de produzir diferentes expressões que falassem sobre opressões e mazelas sociais. Um dos primeiros trabalhos de graffiti foi do artista elipe, radicado no Brasil, Alex Volpuri. A obra intitulada Boca de alívio (1973) evidenciou a censura do Ditador Militar.

GRAFFITI NOS TRENS

Pois que a arte da cultura Hip Hop fosse vista e conhecida por toda a cidade de Nova Iorque, os graffiti começaram a ser feitos nos trens. Era uma galeria em movimento e escrever nos trens se tornou um rito de passagem para os jovens, que pintavam os trens e se viam circular.

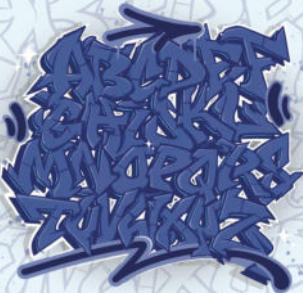
A DIFERENÇA ENTRE GRAFFITI E PICHÃO

Por apresentarem algumas características em comum, o graffiti é facilmente confundido com o pichão. Entretanto, a pichação é caracterizada pela escrita em locais públicos sem autorização, muitas vezes com o objetivo de insultar alguém ou protestar contra algo. Desde então, consiste em uma intervenção agressiva associada a atos de vandalismo. Já o graffiti, por sua vez, se refere a uma manifestação artística, que envolve um processo de criação feita com autorização.

HORA DO GRAFFITI


Hora de treinar e criar novos grafitti! Por isso, preparamos LETRAS Incríveis para você exercitar e "arrebentar" nas artes. Pegue suas canetas e vamos criar.

ARTE ORIGINAL DE
MIAN BORGIO



1º- Contorne as letras pontilhadas e tente colorir. Pode usar imagem de como exemplo.

2º- Desenhe a Letra do Zero com as cores e formas que quiser.



10

A	B
C	D
E	F
G	H
I	J

11

K	L
M	N
O	P
Q	R
S	T

12

U	V
W	X
Y	Z

AGORA É A SUA VEZ!

13

Oi. Meu nome é ANNE

Nome: Elzanne Mendes
Vulgo: ANNE
Idade: 13 anos
Estilo de Graffiti: Realismo e Personais.

Oi. Meu nome é BIGUI

Nome: Gibson Mendes
Vulgo: BIGUI
Idade: 10 anos
Estilo de Graffiti: Letras e Mensagem

Anne e Bigui são os irmãos grafiteiros da Crew Lata Cheia. Eles estão aqui para explorar o mundo das artes urbanas e criar grafittis incríveis com os nossos leitores. Conheça um pouquinho de cada um.

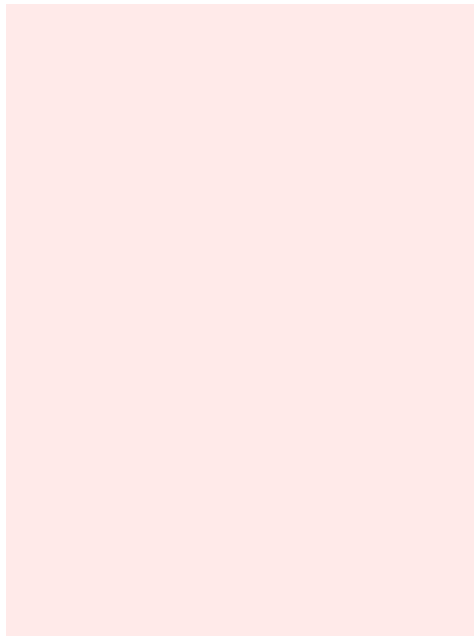
ANNE é parte o final do nome "anne", mas unidos os duas letras "n" para virar um "m", como uma mensagem o mais que ela deixa junto de suas obras, um convite para lembrarmos da importância de amar mais uns aos outros.

- irmã mais velha, protetora e mentora, mas só um pouco.
- Ela busca ter sapiência, conhecimento e paciência, para que assim possa tomar decisões com responsabilidade, principalmente nas suas e grafittis.
- Ela sempre quer provocar sentimentos quando grafita rostos, pessoas e animais.

BIGUI - uma brincadeira com as primeiras letras do seu nome G e B escritas ao contrário e virando a palavra BIG, que em inglês significa "grande". E para abreviar, se escreve BIGUI, com as vogais u e i no final.

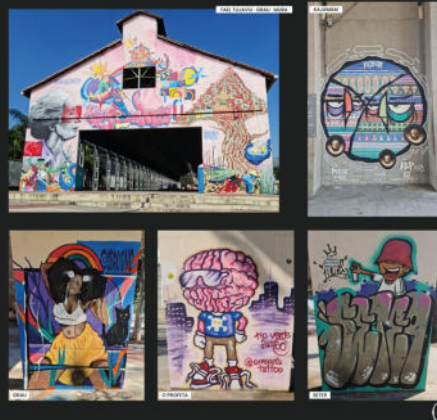
- irmã caçula e o bairrinho. Ele não curte ser tão pequeno.
- Não age a altura dele, sendo ele "cresce" pro cima de você.
- Ele quer ser mais alto, gosta de tudo grande, exagerado. Grande energia, audácia, atitudes, roupas e grafittis.

14



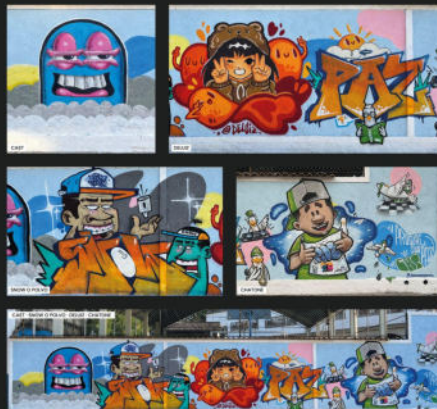
GALEIRA DE GRAFFITI

Aqui se encontra uma coleção de graffiti's - só os mais irados - que foram selecionados para que você possa conhecer novos artistas e admirar artes de rua de todo o Brasil.



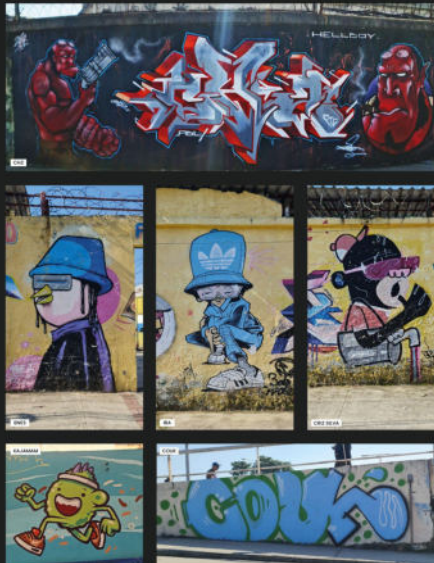
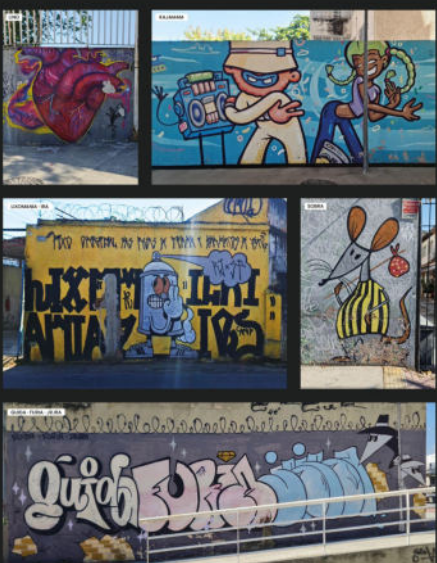
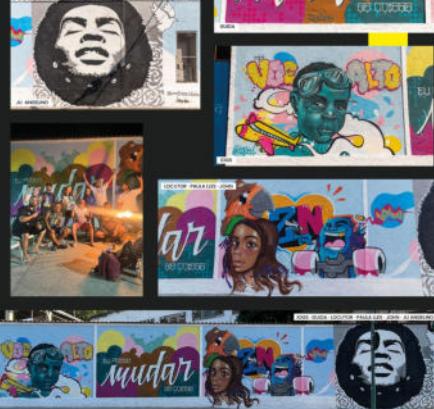
MURRÃO DA ESCOLA MUNICIPAL FRANÇA

O grupo de grafiteiros do Rio de Janeiro, ZN de Cor+Ação, mobilizou 10 artistas para fazer um grande mural coletivo de graffiti na Escola Municipal França, no bairro do Quintino, Rio de Janeiro. O graffiti ocupou um muro de 50 metros de comprimento, tendo como tema Paz. Confira aqui o resultado:



ZN DE COR+AÇÃO

A ZN de Cor+Ação é um coletivo de graffiti criado por Jonathan Mello (Designs do John) junto com os artistas Paula Dornelles (Paula LIES), Samuel Mendes (LOCUTOR) e Bernard Ferreira (China). O projeto nasceu com o intuito de levar mais arte e cultura para a Zona Norte do Rio de Janeiro, ressignificando espaços e se utilizando da arte para transformar vidas.



HIP HOP & CARNAVAL



VAI-VAI

A Escola de Samba VAI-Vai, de São Paulo, criou um desfile inteiramente dedicado aos 40 anos da cultura hip hop no Brasil.

“Capítulo 4, versículo 3, da rua e do povo, o hip hop um manifesto paulistano”

O desfile inicia dando uma amostra das expressões culturais periféricas, um espaço criado pelos pretos e pobres que é constantemente esquecido, desde 1920, fazendo referência à Semana de Arte Moderna. O samba tem sido a resistência cultural da periferia, mas a partir dos anos 80, o hip hop chegou para somar, expressar fortemente, celebrar a vida e valorizar a diversidade.

24



A partir daí, cada elemento entra em cena no desfile. O início foi com o breakdance, na Estação de Metrô de São Bento, em São Paulo, com passos frenéticos, mostrando uma nova forma de se expressar. Por meio do corpo elegante, o graffiti ocupa a cidade. Entre mensagens que reafirmam identidades e quebram a invisibilidade da arte urbana imposta pelo sistema. O rap, com as letras dos grupos de MC e do DJ, tematizam suas mensagens sobre a desigualdade social, a realidade da periferia e o repúdio violento da polícia paulistana. O estilo do samba surgiu tanto com mensagens contra a violência policial quanto com denúncias sobre a marginalização da arte periférica, entendendo assim a repressão do sistema. Ao longo da história, o movimento rap passou por dificuldades, mas seguiu e segue resistindo.

O desfile também abordou o respeito ao nascimento de um “D” elementar do hip hop – o conhecimento – e com ele novas formas de expressão, como o slam e o freestyle, além da mistura de novas práticas como batatas de rap e poesia, boombox, beatrix, beatbox, skate, street food e futebol de várzea, evidenciando a criatividade das periferias.

Assim como o samba, o hip hop é uma atitude de resistência e insubordinação, nunca se rendendo da sua missão. (Kixiixi!)

É samba, é Hip Hop, é da rua, é do povo, é de Exu. Lareyê! À luta, Vai-Vai!

25

SAMBA ENREDO

Outro não é de novo, coisa de rei

Capítulo 4, versículo 3

Vai-Vai manifesta o povo da rua

É tradição e o samba continua

Lareyê, ôêê

Me dá licença, Lareyê, seu Franco-Rua

Su não está só

O papo é reto e a ideia não faz curva

Resistência da modernidade

Não faça parte da elite que insiste em boicatar

Acharam que eu estava derrotado

Quem achou estava errado

Corpo fechado, sou cultura popular

Meu verso é a arma que dispenso

E o palavrão é o balaço pra salvar

Balançou, balançou a Larga São Bento

Molinho de vento, a ginga na dança

Grande triunfo do movimento

No breaking o corpo balançou

Balançou, balançou a Larga São Bento

Molinho de vento, a ginga na dança

Grande triunfo do movimento

No breaking o corpo balançou

Solta o som, ôêê, DJ

Que eu mande a rima pra embalar mãos e pernas

No battle perfeito, meu rap é a voz

As cores da minha identidade

No muro, o leão da minha identidade

Mas reparei jornais (Vai-Vai, Vai-Vai)

A força do conhecimento

No quarto, precariamente

Atitude de gente bamba

Tem hip-hop no meu samba

É preto na brancura, na tom da meu canto

Preconceito nunca mais

Fogo no estribado

Justiça, igualdade e paz

26

ENTREVISTA COM FÁBIO EMA

Fábio Guimarães, vulgo Fábio Ema, um dos primeiros grafiteiros do Estado do Rio de Janeiro, compartilhou um pouco da sua história com a Revista Lata Cheia. Desse modo, tornou-se possível descobrir como o graffiti nasceu e se desenvolveu por aqui, na Cidade Maravilhosa, e como a arte mudou a vida do jovem rapaz da periferia de São Gonçalo, no Leste Metropolitano.

Quem é o Fábio e Por que o apelido de EMA?

O Fábio sou eu rs. Fábio Guimarães, nascido e criado na comunidade de Alcântara, em São Gonçalo. Desde de menino era bombrão, ouvia punk rock, ouvindo de skate e pistão. Por gostar, eu tinha que ser ligeiro. E por ter perna fina e ser rápido, me apelidaram de EMA, parecido com aquele ovo de perna longa que corre do Coliseu no desenho do Looney Tunes.

Quando e como você descobriu o graffiti e começou a grafitar?

Eu comecei como grafista quando era mais novo e meu pai era muito parecido com o graffiti e eu nem sabia. Em 1989, quando eu tinha 18 anos, fui acompanhar um amigo até a Biblioteca Dostoiévski, no Centro do Rio de Janeiro, mas o gente saiu no ponto errado e ficamos muito longe do lugar. Gostamos no vizinho do Celso, perto de São Cristóvão. Foi lá que conheci o Profeta Gentílico e vi pela primeira vez uma arte feita no muro. Eu achei aquilo fantástico, mas não sabia ainda o que era e nem o nome. Depois, na Biblioteca, fui no sentido de Artes para me distrair e lá achei um livro em alemão que contava, em fotos, o fim do muro de Berlim. O muro era todo pintado e desenhado, e foi assim que eu conheci o graffiti e decidi que era isso que queria fazer dali pra frente.

27

Como foi o início da sua caminhada no Graffiti?

Os spray na minha época eram bem caros, então para pintar eu misturava café e corantes para criar cores, e pintava com rolinho e uma lata de spray preto. Meu primeiro graffiti foi em um beco em Maracanã, junto com dois amigos de peso, o SCL e o RAMPA. O segundo foi mais perto de casa, na linha do trem da Estação de Alcântara, em uma das ruas mais movimentadas de São Gonçalo. Ali, na Estação, sempre foi um lugar meio abandonado, mas acabou transformando na minha “Ateliê de Rua”. Foi a minha primeira grafiteagem, precisamente, a Estação toda, deixamos ela muito mais bonita, porque era uma arte que ninguém conhecia. Depois rolou uma matéria sobre os meus grafittis, feitos na Estação, no jornal O Fluminense, que era muito popular na época. Daí pra diante apareceram convites de trabalho com arte e como Professor de Arte, até mesmo teve uma matéria de capa para a revista Veja.

Qual foi o trabalho mais marcante da sua carreira?

Fui trabalhar por muitos anos nas turmas da banda de rock O Bloop e a color misto Estádio de Arte ALC. No ano de 1999, eles estavam lançando o 2º disco da banda, “Lado A”, e eles me convidaram para gravar murais de graffiti durante os shows do álbum. Isso foi lindo, foi lindo, caminhou e rolou por mais ou menos 13 anos. Com o dinheiro que fiz com esse trabalho, eu abri a ALC (Associação Sobrado de Arte e Cultura). Eram sobrados em comunidades carentes que eu aluguei ou comprei e transformei em uma escola para crianças e jovens com o objetivo de ensinar arte e graffiti. De lá saíram artistas muito conhecidos hoje, como o Marcelo Eca e o ACME. Foram um total de 7 escolas em diferentes bairros do Rio de Janeiro. A ALC finaliza seus trabalhos, mas hoje tenho a FAC, a Fábrica de Arte e Cidadania, uma continuação desse sonho da escola de graffiti que continuei a mais de 20 anos.

28

LAMBE-LAMBE

É uma técnica simples, barata e popular que faz parte da arte urbana. Ela consiste em fixar artes e desenhos feitos em papel sobre uma superfície usando uma mistura de água e cola.

A Revista Lata Cheia reservou essa página para você aprender e praticar o lambe-lambe.

Para fazer o seu lambe-lambe é muito simples. Você irá precisar de:

- Um (01) rolinho, pincel ou, até mesmo, esponja;
- Um (01) copo descartável;
- Água e cola branca.



PASSO A PASSO

1. Corte a página seguindo as linhas pontilhadas;
2. Misture na copo a água e a cola branca. A mistura é 1/1, ou seja, metade água e metade de cola; 50ml de água e 50ml de cola;
3. Com o rolinho, pincel ou esponja, passe um pouco da mistura onde vai fixar a sua arte;
4. Passe a mistura também no papel e em seguida coloque no local onde já passou a mistura antes;
5. Para finalizar, passe a mistura, COM CUIDADO, no folha que está no local que vai colar, para que assim ela não saia facilmente da parede;
6. Fim! Agora o seu lambe-lambe já está no mundo para que todos possam ver;

MANDA VER!!!

29



Referências

A HISTÓRIA DA REVISTA GRAFFITI COM BINHO RIBEIRO. [S. l.: s. n.], 2023. 1 vídeo (3'55"). Publicado pelo canal **Pizza com Graffiti**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Wonl1wOmReo>> Acesso em: 29 mar. 2024.

DA PONTE, Gil Luiz Mendes. Rap Brasil: A histórica revista agora é peça de museu. **Portal TERRA**, Visão do Corre, Rolê de Quebrada. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/visao-do-corre/role-de-quebrada/rap-brasil-a-historica-revista-agora-e-peca-de-museu.88e9329bdbc708d838a569c49dc34147wmhk4tg8.html>> Acesso em: 29 mar. 2024.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Editora Perfil. Disponível em: <<https://www.lojaperfil.com.br/recreio>> Acesso em: 26 mar. 2024.

FELISETTE, Marcos Corrêa de Mello. **Pichação**: escrita, tipografia e voz de uma cultura na cidade de São Paulo no século XXI. 2006. 261 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.

FURTADO, Thaís Helena. O jornalismo infantil revisitado da Recreio. **Vozes & Diálogo**: Itajaí, v. 14, n. 02, jul./dez. 2015.

G1. Vai-Vai leva estátua de Borba Gato, alvo de protestos em SP, para a avenida; entenda. **G1**, Carnaval 2024 em SP. Disponível em: Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/carnaval/2024/noticia/2024/02/11/vai-vai-leva-para-avenida-estatuadeborbagato-alvo-de-protestos-em-sp-entenda.ghtml>> Acesso em: 03 abr. 2024.

GABRY, Matheus Evangelista. A “homogeneização” dos desenhos atuais. **Culturalizei**, Filmes e Séries, 06 jul. 2018. Disponível em: <<https://culturalizei.wordpress.com/2018/07/06/a-mesmic-dos-desenhos-atuais/>> Acesso em 30 mar. 2024.

GARCIA, Roosevelt. Revista Recreio - diversão por gerações. **VEJA SP**, Cultura & Lazer, 14 jul. 2017. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/coluna/memoria/revista-recreio>> Acesso em: 26 mar. 2024.

GITAHY, CELSO. **O que é Grafitti**. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1999 – (Coleção Primeiros Passos: 312).

Girassol. Disponível em: <<https://www.lojagirassolbrasil.com.br/sobre-nos>> Acesso em: 29 mar. 2024.

Graffiti - Arte e Cultura de Rua: Revista Especial Rap Brasil. Nº 45, São Paulo: Escala, 2008. Disponível em: <https://issuu.com/alexandre.de.maio/docs/revistagraffiti45#google_vignette> Acesso em: 29 mar. 2024.

Graig the Creek. Disponível em: <https://craigofthecreek.fandom.com/wiki/Craig_of_the_Creek> Acesso em: 30 mar. 2024.

Grêmio Recreativo Cultural e Social Escola de Samba Vai-Vai. Disponível em: <<https://vaivai.com.br/carnaval-2024>> Acesso em: 03 abr. 2024.

LOURENÇA, Iza. Hip-hop salva vidas! 40 anos de resistência negra no Brasil. **Brasil de Fato**, Coluna, Online. Disponível em: <<https://www.brasildefatomg.com.br/2023/11/10/hip-hop-salva-vidas-40-anos-de-resistencia-negra-no-brasil>> Acesso em: 10 abr. 2024.

MUNARI, Bruno. **Design e Comunicação Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NOVAIS, Bianca. É compromisso: Após 40 anos, o hip hop nacional ainda é a principal expressão cultural da periferia. **TV Cultura**, Entretenimento, Online. Acesso em: <https://cultura.uol.com.br/entretenimento/noticias/2023/09/08/7794_e-compromisso-a-pos-40-anos-o-hip-hop-nacional-ainda-e-a-principal-expressao-cultural-da-periferia.html> Acesso em: 10 abr. 2024.

OSGEMEOS: Segredos - Ep. 01 - Todos os caminhos levam à São Bento. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (25'43"). Publicado pelo canal **Pinacoteca de São Paulo**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BgQTG2l5oSw>> Acesso em: 17 abr. 2024.

RANTIN, Chris. Afinal, por que os novos desenhos do Cartoon são tão parecidos? **Legião dos Heróis**. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/2021/cal-arts-cartoon-network-desenhos.html>> Acesso em: 30 mar. 2024.

Recreio. Disponível em: <<https://recreio.uol.com.br/>> Acesso em: 26 mar. 2024.

Revista Fundamento. Disponível em: <<https://www.fundamentograffiti.art.br/>> Acesso em: 29 mar. 2024.

Revista Recreio é descontinuada. **Meio e Mensagem**, Sem categoria, 12 set. 2018. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/sem-categoria/revista-recreio-e-descontinuada>> Acesso em: 26 mar. 2024.

Vai-Vai - Explanação Enredo 2024. [S. l.: s. n.], 2023. 1 vídeo (108'25"). Publicado pelo canal **Vai-Vai Oficial**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=loylq1YnfUI&t=4310s>> Acesso em: 17 abr. 2024.